



Os DIÁRIOS  
*secretos* do  
VATICANO

JOHN  
THAVIS

*Tradução de Ester Cortegano e Jorge Colaço*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina



## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	9
PRIMEIRO CAPÍTULO — OS SINOS.....	17
SEGUNDO CAPÍTULO — PELO AR.....	41
TERCEIRO CAPÍTULO — « <i>NUESTRO PADRE</i> ».....	79
QUARTO CAPÍTULO — OSSOS.....	125
QUINTO CAPÍTULO — O GATO E O RATO .....	151
SEXTO CAPÍTULO — LATINISTA .....	187
SÉTIMO CAPÍTULO — O PAPA QUE SERIA SANTO.....	205
OITAVO CAPÍTULO — BAINHAS E CASCAS DE BANANA .....	239
NONO CAPÍTULO — SEXO .....	255
DÉCIMO CAPÍTULO — O VERDADEIRO BENTO .....	281



## INTRODUÇÃO

A resignação do Papa Bento XVI, em fevereiro de 2013, apanhou muitos observadores de surpresa. Porém, em retrospectiva, a decisão refletiu o tributo de desapontamento e frustração pago pelo pontífice alemão ao longo de vários anos, em pequenos e grandes episódios que se vieram a saber todos num mundo que ele não foi nunca capaz de governar plenamente: o mundo do Vaticano. Estas angústias culminaram, em meados de 2012, quando a divulgação de uma série de documentos levou o papa a lançar uma investigação interna. Os documentos, não sendo exatamente incriminadores, eram embaraçosos: muitos tinham a ver com o tenebroso universo das finanças do Vaticano, ao passo que outros revelavam pormenores sobre operações de segurança, notas tomadas em audiências privadas com o papa e cartas de personalidades italianas com notoriedade a pedir audiências — algumas delas contendo um cheque. Aos olhos de altos responsáveis do Vaticano, o aspeto mais escandaloso daquilo que a imprensa designou como «Vatileaks» nem foi o conteúdo do material revelado, mas o simples facto de existirem documentos classificados a circular.

Como alguém que fez a cobertura do Vaticano ao longo de trinta anos, sei que o «secretismo do Vaticano» é em grande parte um mito. Trabalham mais de três mil pessoas na máquina administrativa do Vaticano e muitas delas partilham informações se a oportunidade surgir. Mas essas informações são passadas, tipicamente, em conversa casual, não através de documentos roubados. Foi esse o detalhe que tornou este escândalo tão

invulgar e que levou um triunvirato de cardeais investigadores a perseguir agressivamente os culpados. O rasto da documentação facilmente conduziu a Paolo Gabriele, que, como secretário pessoal do papa, era uma das poucas pessoas com acesso ao trânsito diário de documentos de e para os aposentos papais. Pai de três filhos e católico devoto que, desde 1998, trabalhara ao serviço de dois papas, Gabriele parecia uma improvável toupeira do Vaticano. Foi universalmente assumido que estava a ser manipulado por gente de cima. Tudo apontava, como se explica mais detalhadamente no capítulo final deste livro, para uma crescente luta aberta pelo poder no interior da Cúria Romana.

A notícia da prisão de Paolo Gabriele gerou curiosidade e um elevado grau de irrisão nos órgãos noticiosos. «A culpa foi do mordomo» tornou-se o remate de uma piada maldosa, e a piada era sobre o Vaticano. Para tornar as coisas piores, o envelhecido Papa Bento parecia dolorosamente inconsciente do que se passava à sua volta.

Entretanto, desenrolava-se outro drama: o presidente do banco do Vaticano, Ettore Gotti Tedeschi, em tempos designado como o homem do Papa Bento para a reforma das finanças, foi sumária e muito publicamente despedido. Entre as razões listadas num memorando severamente enunciado estavam o comportamento pessoal «progressivamente errático» e a sua incapacidade de explicar «a disseminação de documentos que se sabia estarem na posse do presidente».

Para a maioria dos observadores, estes desenvolvimentos constituíam sinais alarmantes de um novo Vaticano, um Vaticano que descarrilara por completo. Eu vi os acontecimentos de modo um pouco diferente. Para mim, eles eram a erupção pública de uma cultura privada que há muito reinava no interior das paredes do Vaticano — uma cultura de informação equívoca e passos em falso, de boas intenções e imperfeições de execução, de agendas em conflito e alianças instáveis. É uma cultura em que o carreirismo clerical frequente obscurece a dedicação tranquila ao serviço da Igreja. É uma cultura assente na ordem hierárquica, mas atolada na confusão organizativa. É uma cultura em que o papa é considerado imune à crítica, mas em que frequentemente é mantido afastado da informação sobre o detalhe de decisões importantes. É, em teoria, uma cultura da confidencialidade — mas que deixa entrar água como um barco velho de dois mil anos.

Quando comecei a fazer a cobertura do Vaticano para o *Catholic News Service*, ou CNS, no início da década de 1980, fiquei estupefacto com a falta de coordenação entre os gabinetes da Cúria Romana e com o modo casual como a informação era tornada pública — mais frequentemente através de um labirinto de rumores e insinuações do que através dos canais oficiais. Acabei por apreciar as oportunidades que essa ambiguidade oferecia.

Devido ao facto de a atmosfera no interior do Vaticano ser mais a de uma aldeia medieval do que a de uma sede empresarial, dei por mim a trabalhar mais eficazmente através de encontros informais e conversas à porta fechada. As minhas fontes iam desde os diplomatas mais importantes do Vaticano aos assistentes da Basílica de São Pedro — e, desde que nos conheçam e confiem em nós, todos eles falam. Não demorei a aprender que o fluxo de comunicação restrita no Vaticano trabalhava a meu favor: dado o isolamento de muitos gabinetes da Cúria Romana, um repórter era muitas vezes visto como um agente polinizador necessário, levando grãos de mexericos e resíduos de informação de um departamento para outro. Involuntariamente, éramos parte do sistema de rumores do Vaticano.

Descobri que, apesar da sua fachada institucional, o Vaticano continua a ser predominantemente um mundo de indivíduos, a maior parte dos quais têm uma surpreendente margem de liberdade para operarem — e, por conseguinte, para cometerem erros. Não é apenas o facto de muitos cardeais e chefes de departamento se comportarem como senhores feudais; há também uma população significativa de funcionários inferiores, consultores, adjuntos e especialistas que se veem a si mesmos como protagonistas por direito próprio, atores com pequenos papéis que, de vez em quando, vagueiam até ao centro do palco.

Por mais cativante que eu ache esta falta de microgestão, ela tem sem dúvida trazido dores de cabeça e embaraços ao Vaticano nos últimos anos. Um elemento nuclear da missão da Igreja Católica é, afinal, convencer os outros da verdade da sua fé. Evangelizar é comunicar com eficácia — mas o Vaticano tornou-se uma espécie de catálogo de passos em falso, distrações e mensagens ambíguas, um lugar onde o papa é ofuscado pelas suas próprias gafes ou pelas dos seus assessores mais importantes.

Uma parte da razão de isto acontecer é a estranha atitude paroquial que ainda prevalece no interior do centro nervoso universal da Igreja Católica. Há uma falta de conexão crónica entre o que se diz e faz na Cidade do Vaticano e o efeito que isso tem nos 1,2 mil milhões de Católicos de todo o mundo. Estranhamente, na era da Internet e da cobertura mediática sem interrupção, os mais altos responsáveis da Igreja agem, por vezes, como se o resto do mundo não estivesse a observar.

O escândalo dos «Vatileaks» ameaçou rebentar esta bolha de complacência. O livro do jornalista italiano, Gianluigi Nuzzi, *Sua Santidade: Os Papéis Secretos de Bento XVI*, reproduziu cartas confidenciais e memorandos escritos pelo papa e pelos seus principais assessores. Os repórteres fantasiaram que isso era apenas o início de uma avalanche de divulgações que se precipitaria através de outros gabinetes do Vaticano, uma publicação apocalíptica de roupa suja. Isso não aconteceu e, na verdade, os

documentos que foram divulgados não continham quaisquer revelações chocantes, quaisquer segredos malditos, nenhuns estratégias extraordinárias. Em vez disso, ofereceram um vislumbre das caprichosas lutas internas e da corrupção em pequena escala que transpira silenciosamente no interior das paredes do Vaticano. Essa imagem foi suficientemente prejudicial para suscitar uma investigação interna do Vaticano e o eventual julgamento de Gabriele e de um alegado cúmplice.

Como explico no último capítulo deste livro, levar Paolo Gabriele a julgamento foi publicitado como mais um passo importante no sentido da transparência no Vaticano. Mas, na realidade, isso sublinhou a opacidade dos métodos do Vaticano e a sua recusa em abordar questões mais vastas por trás das fugas de informação. Essas questões incluem uma espantosa falta de informação e coordenação internas na Cúria Romana, que funciona mais como uma rede de invejosos enclaves burocráticos do que como uma força coesa na missão de evangelização da Igreja. Um outro fator-chave foi o papel do pessoal doméstico do papa, como barreira isoladora entre o papa e aqueles que deveriam ser os seus ouvidos. Porém, nada disto foi examinado durante o julgamento, e quando o Papa Bento assegurou a Gabriele um Perdão Natalício, no final de 2012, o Vaticano retomara as suas práticas costumeiras. Os «Vatileaks» foram considerados um capítulo final, e o mordomo do papa foi visto, de dentro, mais como uma alma transviada do que como um grave delator.

Além disso, o mundo exterior ficara a saber muito pouco acerca da cultura do Vaticano. Os documentos divulgados indiciavam alguns conflitos a alto nível, mas sem realmente explicar as atitudes e tensões que geravam esses conflitos. Para alguém que tentasse perceber a dinâmica do Vaticano, era como tentar completar um puzzle apenas com um punhado de peças: alguns detalhes excitantes estavam lá, mas não o quadro todo.

*Os Diários Secretos do Vaticano* foi escrito precisamente para fornecer esse contexto e abrir a cortina sobre uma instituição que é largamente mal compreendida. O meu retrato do Vaticano é muito humano, não apenas citando documentos, mas explorando a mentalidade que predomina na Cúria Romana e lançando luz sobre as suas personalidades, os seus motivos ocultos, as suas tensões e lapsos. O livro explica a razão pela qual os «Vatileaks» foram sintomáticos de uma crise mais vasta, na medida em que o Vaticano se debatia entre dois polos: o respeito pela tradição e a acomodação ao mundo moderno. Narra a luta quotidiana para coordenar as ações de uma burocracia em expansão e para harmonizar as diversas vozes da hierarquia. Ilustra a lenta desintegração da cultura da corte papal. Revela o Papa Bento como um professor erudito de fé, mas alguém que acreditava que a sua mensagem religiosa era largamente



ignorada — e os seus erros de cálculo ampliados — por meios de comunicação social hostis.

A crise em câmara lenta que se desenrolou no interior do Vaticano tem implicações especiais em Itália. Na verdade, pode ter desencadeado o início de uma alteração sísmica da influência geográfica no Vaticano, à medida que os escândalos, maiores e menores, reverberaram através da vasta população da Igreja e da sua hierarquia global. Os católicos das dioceses e paróquias espalhadas pelo mundo não seguiram de perto os detalhes do «Vatileaks», tal como não seguiram as recentes brigas com as autoridades bancárias italianas, as acusações de carácter sexual contra um editor de um jornal italiano católico ou a corrente luta pela supremacia entre a Secretaria de Estado do Vaticano e a conferência episcopal italiana. Mas a impressão geral deixada nas comunidades católicas pelo mundo e nos seus líderes pastorais é que, com as suas maledicências e disparates, os responsáveis da Cúria Romana embaraçaram a Igreja e serviram mal Bento, o papa emérito. E, em quase todos os episódios humilhantes, os protagonistas foram italianos — italianos que pareciam ter investido mais tempo e energia em lutas de bastidores pelo poder do que em gerir os assuntos da Igreja universal. Durante séculos, os Italianos foram considerados racialmente predispostos para governarem habilmente o Vaticano e neutralizarem potenciais crises. Aos olhos dos outros cardeais e bispos, os clérigos italianos pareciam ter nascido com jeito para a discrição e a diplomacia. Mas agora deixavam a Igreja universal embaraçada.

A lógica do Estado-dentro-do-Estado conservou durante muito tempo os Italianos no controlo da Cúria Romana e, para surpresa de muitos, o Papa Bento reforçou a sua influência ao escolher italianos para dirigirem várias congregações-chave, conselhos e gabinetes financeiros do Vaticano. Também manteve o peso desproporcionado da Itália no Colégio dos Cardeais, onde os italianos constituem quase um quarto dos membros com idade para votar. Mas houve sinais de rebelião silenciosa. Depois de um consistório, no princípio de 2012, ter introduzido mais sete cardeais italianos entre os potenciais eleitores no conclave, houve suficientes críticas murmuradas para levar o papa a nomear um novo contingente de cardeais, nesse mesmo ano. Essa lista não incluía italianos — algo que nunca acontecera durante quase um século. Este fervilhar de tensões definiram o cenário do notável conclave de 2013. Quando os cardeais foram para Roma na sequência da resignação de Bento, não estavam com disposição para serem silenciados ou manipulados pelos veteranos da Cúria Romana, que geriram o *interregnum*. Nas reuniões preparatórias do conclave, os cardeais exprimiram críticas abertas e apelaram a uma nova visão da burocracia do Vaticano. Um por um, os chefes dos

departamentos da Cúria foram solicitados para irem até ao microfone e responderem a perguntas.

Quando os cardeais dos Estados Unidos realizaram sessões de informações diárias sobre essas reuniões, atraindo um crescente número de jornalistas internacionais, o Cardeal Ângelo Sodano, decano do Colégio de Cardeais, rapidamente terminou esses encontros com a imprensa sob o pretexto da confidencialidade. Porém, foi um tiro que saiu pela culatra. Deu a impressão de que o Vaticano tinha alguma coisa para esconder e confirmou que, quando se tratava de relações públicas, podia contar-se sempre com a Cúria para fazer a ação errada.

A imprensa, entretanto, estava a atingir o clímax. À medida que o conclave se aproximava, relatos sobre alianças secretas, escândalos indizíveis e até uma «cabala gay» no seio do Vaticano faziam manchete e preenchiam o vazio de informação. Os cardeais de todo o mundo poderiam ter estado inclinados a descartar tudo isto como invenção dos jornalistas, não fosse o caso de o Papa Bento, ele próprio, ter encarregado três velhos cardeais de investigar o «terreno» das divisões e conflitos do Vaticano que deram origem ao «Vatileaks». O relatório fora entregue ao papa dois meses antes e estava agora fechado numa gaveta — para ser visto apenas pelo sucessor de Bento, e não pelos cardeais reunidos para o eleger. Isso soou estranho a alguns dos cardeais, que tentaram, sem resultado, pressionar os três autores do relatório e dar-lhes um abanão para obter informações.

Tudo isto ajuda a explicar a razão pela qual os cardeais rejeitaram os chamados favoritos para o conclave de 2013: o cardeal italiano Ângelo Scola, o brasileiro Odilo Scherer e o canadiano Marc Ouellet. Nenhum deles parecia inclinada a desafiar a Cúria Romana ou a dar novos rumos à liderança da Igreja. Em vez disso, os cardeais voltaram-se para o cardeal argentino Jorge Maria Bergoglio, que lhes disse numa linguagem invulgarmente franca que a Igreja tinha de descentralizar, tornar-se menos «autor-referencial» e empenhar-se nos problemas reais das pessoas reais. Isto foi música para os seus ouvidos. Os cardeais elegeram-no à quinta votação. Os cardeais aplaudiram o estilo humilde e o toque popular do novo pontífice. Depois, os cardeais foram para casa — deixando o Papa Francisco a navegar num mundo desconhecido para ele.

O meu livro é um guia deste mundo, o Planeta Vaticano, feito por alguém de dentro. Nele exploro as histórias por trás dos escândalos e das gafes, narro o lado humano do drama quotidiano do Vaticano, e anulo algumas das ideias feitas e ilusões acerca do seu *modus operandi*.

Estou razoavelmente seguro de que o Papa Francisco está a descobrir o que eu descobri enquanto jovem jornalista: uma cadeia de comando fragmentada naquela que é provavelmente a organização mais hierárquica do

mundo. Em teoria, o Vaticano opera segundo uma estrutura de autoridade, de cima para baixo; na realidade, o Vaticano é uma manta de retalhos feita de departamentos, comunidades e indivíduos, todos livremente ligados por um sentido de missão, mas sem gestão abrangente ou monitorização rigorosa. E, devo reconhecer, por vezes prefiro que assim seja. Aprecio o facto de os responsáveis muitas vezes abrirem a boca quando a deveriam fechar, que haja fuga de documentos e que, feitas as contas, o Vaticano seja marcado mais pelo instinto humano do que por uma eficiência impiedosa. Gosto do facto de que até uma coisa em que deveria haver sintonia perfeita, como uma causa de santidade, possa ser atrapalhada pelo excesso de zelo do seu promotor.

A imagem popular do Vaticano é em grande medida um mito. Nas indústrias da informação noticiosa e do entretenimento, o Vaticano é retratado como um monstro organizacional — monumental, poderoso e envolto em secretismo, uma máquina bem oleada que tranquilamente prossegue uma agenda global, com uma hierarquia que marcha ao mesmo passo.

O verdadeiro Vaticano é um lugar onde os cardeais lançam piadas e perdem a paciência, onde cada agência da Cúria Romana guarda ciosamente o seu quintal, onde o peixe miúdo e os tubarões podem trabalhar com objetivos contrários, e onde os deslizes e os equívocos são comuns. É um lugar onde a escolha que o papa faz de um certo chapéu se pode tornar a furiosa controvérsia do momento, e onde um cardeal americano determinado a fazer um parque de estacionamento subterrâneo pode desalojar uma necrópole com dois mil anos de existência. É um lugar onde as liturgias e cerimónias cuidadosamente orquestradas por vezes aparecem descoladas, onde as fidelidades podem mudar abruptamente e onde a desilusão não é incomum. É um lugar onde Paolo Gabriele encaixa perfeitamente. E onde o Papa Francisco pode dar por si a abanar a cabeça de espanto.

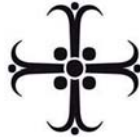
Ao longo dos anos, conheci também um certo número de responsáveis do Vaticano que colocaria na categoria de «fiéis servidores». Como a maior parte das grandes organizações burocráticas, o Vaticano tem o seu quinhão de heróis tranquilos, gente que trabalha silenciosamente contra as dificuldades para tornarem a Igreja mais sensível e mais transparente. As suas histórias raramente emergem à superfície nos relatos noticiosos sobre as repressões, escândalos e pronunciamentos do Vaticano, mas que ajudam, porém, a manter o navio a navegar e a corrigir a sua rota.

Decidi que tudo isto precisava de ser contado. Quis representar com exatidão a cultura que existe por trás das manchetes e explicar como realmente funcionam as coisas no Vaticano — não através das alocações do papa ou dos textos e declarações oficiais, não através da análise da política do Vaticano, mas a partir do interior, onde o afã de governar a Igreja

universal espuma e crepita. Escrevi este livro porque estou convencido de que a realidade dos bastidores do Vaticano é infinitamente mais interessante do que a caricatura do poder e da autoridade que domina os principais meios de comunicação. Enquanto repórter e depois chefe de redação em Roma do *Catholic News Service* de 1983 a 2012, fui capaz de testemunhar as dinâmicas internas do Vaticano de um ponto de vista privilegiado. O meu trabalho levou-me com regularidade aos gabinetes do Vaticano, colocou-me na fila da frente das cerimónias papais e até me obteve um lugar no avião papal.

Este é um livro de factos, não de ficção. Os episódios descritos nas suas páginas aconteceram realmente. A minha narração, que inclui a reconstrução de alguns diálogos, é baseada em centenas de entrevistas, transcrições, ficheiros de áudio e vídeo, e na observação direta. As personagens, maiores e menores, são reais. E, apesar de as suas histórias poderem ocasionalmente apresentar algumas qualidades de efabulação, saibam que não são produto de imaginação jornalística, mas sim uma crónica da vida e dos tempos de um mundo muitíssimo curioso.

## OS SINOS



A colina do Vaticano, na zona ocidental de Roma, abrigou dramas eclesiais desde os primeiros tempos da Igreja Católica Romana. Acreditava-se que São Pedro fora crucificado ali, no tempo de Nero, no meio de uma pista de corridas — um lugar que se encontra hoje debaixo da pequena zona comercial *duty-free* do Vaticano. Nero, segundo os historiadores da Igreja, costumava lançar festas noturnas onde hoje são os Jardins do Vaticano e atear fogo a cristãos atados a altos postes para iluminar as festividades. As perseguições chegaram ao fim e a sepultura de São Pedro no cemitério da colina do Vaticano acabou por se tornar um local de peregrinação tão popular que o Imperador Constantino decidiu construir ali uma basílica sumptuosa em 326. A tradição local diz que ele estava tão entusiasmado com o projeto que tirou as vestes e ornamentos reais e começou a escavar as fundações com as próprias mãos.

Os papas do Renascimento reconstruíram a basílica há meio milénio numa escala ainda mais imponente. É uma arquitetura concebida para o espetáculo teatral e o drama nunca é mais intenso do que quando morre um papa ou é eleito um novo. O papa morto é transportado em procissão e colocado num esquife sob a cúpula da basílica, onde fica em câmara-ardente até ao funeral. Se for muito amado, como João Paulo II, peregrinos de todo o mundo vão prestar-lhe homenagem. Mas os papas nem sempre foram assim tão populares. Em 1559, quando Paulo IV morreu, rebentou uma revolta entre os Romanos, que abriram as portas das prisões da Inquisição; nos finais de 1800, o carro fúnebre de Pio IX foi atacado por uma multidão anticlerical

e o seu corpo escapou a custo de ser atirado ao rio Tibre. Só no último século os papas se tornaram vastamente respeitados como defensores dos direitos humanos, da paz e da justiça social. Hoje, os seus funerais fazem ajoelhar reis e rainhas, primeiros-ministros e presidentes, diante do papado. O papa é enterrado, habitualmente, na cripta da basílica. Alguns dias depois, uma cortina é corrida e um novo papa aparece na varanda da fachada central da igreja, aclamado por uma multidão arrebatada de crentes na Praça de São Pedro. A transição está completa: a tristeza transformou-se em excitação e o toque a finados dos sinos da basílica é substituído por um repicar de alegria.

Em abril de 2005, cerca de dois mil milhões de pessoas seguiram esses acontecimentos pela televisão ou na Internet após a morte de João Paulo II. Pela primeira vez na História, a transição papal tornou-se uma experiência global enquanto a Basílica de São Pedro servia de cenário para inúmeras reportagens de televisão, entrevistas a peregrinos e comentários sobre o desenrolar passo a passo da liturgia. Quando os 115 cardeais eleitores se preparavam para entrar em conclave, os jornalistas começaram a relatar os sinais do que parecia, retrospectivamente, um resultado quase inevitável: a eleição do cardeal alemão Joseph Ratzinger como Papa Bento XVI. Enquadrado na tradição e colorido pelo cerimonial, o anúncio de *habemus papam* deve ter parecido um dos momentos mais coreografados da pompa da Igreja para aqueles que, por todo o mundo, estavam a assistir.

Porém, o que o mundo viu foi uma coisa; o que se estava realmente a passar no interior dos corredores e câmaras ornamentados do Vaticano era outra coisa bastante diferente.

A eleição papal era o mais fascinante evento noticioso que cobrira em muitos anos. Mas, durante muitos meses que se seguiram, fui perturbado por um mistério. Um dia, muito depois de a parafernália do conclave ter sido armazenada de novo e a expressão «Papa Bento» deixar de soar com estranheza, fui até à Basílica de São Pedro procurar um homem chamado Giuseppe: ouvi dizer que ele tinha uma história para contar.

Era o segundo dia do conclave, 19 de abril de 2005, e ainda pairava no ar um vago odor a incenso da missa da manhã, flutuando da Capela do Santíssimo Sacramento pela nave da grande basílica, onde se misturava um novo cheiro, mais forte, que se elevava da imensa multidão de peregrinos suados e cansados.

Enrico, assistente na basílica, ergueu-se como uma sentinela de fato azul vivo e levantou os olhos na direção da amálgama de visitantes.

— Olá, Giuseppe — disse ele. — Mais um longo dia, ein? Isto nunca mais acaba.

Giuseppe Fiorucci encolheu os ombros e continuou a caminhar sobre os motivos do pavimento da basílica. Enrico era conversador e Fiorucci não tinha tempo para conversas. Baixo, com um passo regular, rodeou a massa humana e ficou contente, naquele dia como em todos os outros dias, mas especialmente naquele dia, por não ser assistente — contente por ser trabalho de outros lidar com perguntas em dez línguas diferentes e o choro dos bebês e o «Onde é a casa de banho?» e «Sem *flash*, por favor» e «Podemos deixar flores?» e «Falta muito para chegar ao túmulo do papa?». Naquele dia, estava contente por ser apenas um *sampietrino*, um trabalhador da basílica, e que o seu uniforme de ganga azul o isentasse de lidar com todas as necessidades de tantas pessoas piedosas e insistentes.

Chegou ao outro lado da igreja, ajustou os óculos ao seu rosto largo e olhou para trás. A luz estendia-se agora através da nave principal, iluminando as faixas vermelhas e brancas das bandeiras polacas colocadas por cima das mochilas ou dos ombros. Tantos polacos. Primeiro para ver o corpo, agora para ver o túmulo. Três milhões em dez dias, relatavam as notícias. Segundo Enrico, nunca passara tanta gente por São Pedro. Enrico era apenas um assistente, claro, mas às vezes tomava café com o Bispo Lanzani, e o Bispo Lanzani sabia tudo acerca da basílica. Ou pelo menos era o que se dizia.

— Atenção, por favor! — Paolo, que estava a fazer o seu turno de guarda do lado esquerdo do altar, surgiu de trás e enrolou as suas grandes mãos em volta do pescoço de Fiorucci. Continuou a sua rábula num mau inglês. — Recordamos que deve permanecer em silêncio, por favor.

Paolo acenou com a cabeça para uma pequena porta nas traseiras da basílica e fez sinal de que precisava de fumar.

Fiorucci abanou a cabeça, mas Paolo arrastou-o pela manga. A porta, porém, estava bloqueada por uma barreira de cordas ligadas a ganchos de metal, e dois guardas faziam sentinela. O seu intervalo para fumar teria de esperar.

— Esqueci-me. Os cardeais — murmurou Paolo entre dentes.

A porta das traseiras de São Pedro levava a um parque de estacionamento em frente à *Domus Sanctae Marthae*, a casa de 20 milhões de dólares onde se alojavam os cardeais que elegeriam o novo papa. A *domus* era do lado sul da basílica; a Capela Sistina, onde tinham lugar as votações, era do lado norte. A maioria dos cardeais saía para tomar um autocarro que os levava através dos Jardins do Vaticano até à Capela Sistina, mas poderia sempre contar-se com os excêntricos que insistiriam em ir a pé. No dia anterior, fora o cardeal alemão Walter Kasper que fizera o seu caminho por entre os Jardins do Vaticano. Naquela manhã, um cardeal latino-americano percorria o caminho de travertino em redor da traseira da Basílica de São Pedro. Os guardas de segurança do Vaticano e o pessoal da basílica tinham

de se assegurar de que a porta estava selada e de que ninguém — um peregrino de bandeira, uma criança a falar em voz alta, ou mesmo um bispo — pudesse de alguma forma comunicar com os cardeais quando estivessem a passar. Não que alguém estivesse a tentar fazê-lo.

De facto, no interior da basílica, os peregrinos estavam pouco interessados, no imediato, no que se passava na Capela Sistina. Rumavam todos para a cripta onde João Paulo II jazia. Mas quando chegavam ao local da sepultura, depois de estarem horas na fila, tinham uma desagradável surpresa: não podiam parar para rezarem. Basicamente, estavam num tapete de transporte programado para estar em constante movimento. Não conseguiam sequer tirar fotografias. Isto parecia estranho: quando o papa estivera em câmara-ardente, os assistentes da basílica não tinham feito nada para impedir as pessoas de usarem máquinas ou telemóveis para fotografarem o pontífice morto; agora, gritavam com qualquer pessoa que puxasse de uma câmara fotográfica. A razão era logística. Lá em cima, na basílica, a nave principal era suficientemente larga para conter um rio de peregrinos que fluísse a boa velocidade, passando pelo esquite papal. Em baixo, na cripta, era ombro com ombro, mal havia espaço para uma fila única. Quando a fila parava, o ambiente tornava-se claustrofóbico e as pessoas começavam a entrar em pânico. Pelo que a regra era não haver fotografias, nem orações, nem cânticos, nem colocação de objetos junto do túmulo. Os mais felizardos conseguiam atirar mensagens escritas para um grande cesto de palha.

A brusquidão dos assistentes contrastava com os sentimentos dos visitantes, muitos dos quais estavam a chorar. Para os que trabalhavam no Vaticano, parecia que a morte do papa libertara muitas emoções primárias — demasiadas, talvez. A comunicação social transformara isso numa história pessoal sobre a humanidade de João Paulo II e a forma como ele tocara as pessoas em redor do globo. Porém, muitos daqueles que trabalhavam ali não sentiam o *pathos*. Um funcionário da basílica chamado Alfredo recordou uma conversa com um segurança que servira o Papa João Paulo durante todo o pontificado e viajara com ele para mais de 130 países. Quando o guarda prestava serviço aos pés do corpo do papa, ele aproximara-se para prestar a sua homenagem.

O guarda levantou os olhos e perguntou-lhe com absoluto desprendimento:

— Alfredo, como tens passado?

Ele foi apanhado de surpresa pelo tom familiar, a dois metros do papa morto.

— Bem, estou um pouco triste.

— Porquê? — disse o guarda abruptamente.



— Por causa deste homem, que trabalhou muito duramente ao longo de vinte e seis anos e, no final, sofreu imenso — disse ele.

— Mas, Alfredo, o papa está morto! — retorquiu o guarda.

Por outras palavras, para quê desperdiçar sentimentos? De facto, muitos empregados do Vaticano — mesmo aqueles que conheciam e respeitavam João Paulo — estavam assinalavelmente distanciados em relação ao seu passamento.

Fiorucci caminhou de volta à frontaria da igreja, voltando para dentro num pequeno vestíbulo ao longo da ala lateral onde estava o elevador para o telhado. Colocou a mão no painel da parede, dando-lhe um pequeno encontro. O painel abriu-se, revelando uma parede interior oculta com toda a espécie de chaves. Retirou um conjunto de um gancho e depois outro, fechando o painel silenciosamente.

Riccardo estava sentado na sua cadeira, próximo do elevador.

— De novo até lá acima? — perguntou ele.

Fiorucci assentiu. Os dois homens entraram no elevador *Otis*, Riccardo fez girar uma chave e ele zumbiu lentamente para cima pelo poço feito em alvenaria e tijolo. Riccardo estava contente por ter companhia. Passava a maior parte dos dias a arrastar carregamento após carregamento de turistas de regresso da cúpula, mas o telhado fora fechado até o conclave terminar.

— Deixa-me na *lumaca* — disse Fiorucci.

O elevador deslizou até parar e Fiorucci saiu para um corredor estreito.

— Hoje sairá fumo branco, vais ver — disse Riccardo. Depois as portas fecharam-se e ele desapareceu. Após alguns segundos, silêncio. O silêncio pesado que encontramos dentro de paredes grossas de seis metros.

Fiorucci caminhou arrastadamente ao longo de um corredor estreito e poeirento. Fumo branco? Seria simpático. Mas não provável naquela manhã. Era cedo de mais. Passou pelos compartimentos obscuros ocultos nas paredes interiores da basílica, ao longo de tijolo cru, pontapeando penas de pombo. Os pássaros entravam através das passagens de ar ou de outros buracos da basílica. Eram um problema, mas não se podia selar um edifício como aquele — ele precisava de respirar. A alvenaria expandia-se e contraía-se como um pulmão, por vezes qualquer coisa como dez centímetros num só dia.

— Deslocação térmica — chamara-lhe o Bispo Lanzani. A fachada de São Pedro, um mosaico de mármore do tamanho de um campo de futebol, absorvia o movimento da mesma forma que um corpo absorve uma boa esticadela. No interior do edifício, poder-se-iam ver fendas que alastravam como varizes onde quer que o estuque fosse antigo.

Como outros que trabalhavam para a *Fabbrica* da Basílica de São Pedro, Fiorucci conhecia aquele percurso ao nível do telhado tão bem

quanto conhecia o desenho da sua própria casa. Poderia andar no escuro e, por vezes — por exemplo, quando havia um curto-circuito —, fizera isso mesmo. A palavra *Fabbrica* geralmente significa «edifício», mas ali era entendida como «oficina». Os 150 *sampietrini* que lá trabalhavam faziam tudo, desde limpar as cornijas a substituir telhas. Muitos trabalhavam duplamente, passando o aspirador e polindo o chão de fato-macaco, durante a primeira metade do turno, depois vestindo-se para irem ajudar no controle da multidão e desempenhar tarefas básicas de segurança. Todos eram artesãos, no sentido tradicional, e alguns deles tinham prática na velha arte de «escalar a cúpula», suspensos de cordas, sempre que eram necessárias reparações exteriores. O mundo exterior poderia vê-los como homens da manutenção de um marco arquitetónico, mas eles viam isso de modo diferente. Sabiam que a Basílica de São Pedro era mais do que uma relíquia; era uma coisa viva, um ato de construção sempre em renovação, cuja beleza e glória dependiam, em última análise, deles, os trabalhadores que rebocavam o estuque, estendiam os fios elétricos, reparavam os danos causados pela água e impediam o bronze de ficar excessivamente sujo e baço. Como electricista experimentado, Fiorucci estava encarregue dos sinos, mas passava a maior parte dos dias em intermináveis projetos de conserto. Era como manter um parente idoso de boa saúde.

A *Fabbrica* era uma das mais antigas instituições do Vaticano e mantinha uma orgulhosa independência da sua principal organização burocrática, a Cúria Romana — demasiada independência, aos olhos de alguns prelados do Vaticano. Os que supervisionavam as finanças do Vaticano queriam há muito tempo levantar a cúpula da Basílica de São Pedro e dar uma boa e cuidadosa olhadela ao que estava por baixo. A organização da basílica estava dividida em duas áreas: a Administração era da responsabilidade da *Fabbrica*, enquanto os serviços pastorais eram fornecidos pelo Capítulo da Basílica. O Capítulo era formado por quarenta cónegos, padres que cuidavam dos serviços «espirituais» da basílica, ouvindo em confissão, programando missas e participando nas liturgias papais.

O Capítulo constituía consideráveis participações financeiras e houvera rumores sobre algumas transações obscuras. A sua reputação não melhorou quando, em 2001, um dos antigos membros foi acusado de tentar vender peças de arte, falsamente atribuídas a Miguel Ângelo, ao Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque. A *Fabbrica*, entretanto, enfrentava os seus próprios problemas. Também ela era financiada independentemente, assentando na largueza das doações através dos séculos para constituir um património substancial. Contudo, recentemente, a *Fabbrica* perdera dinheiro, muito dinheiro — milhões de dólares, segundo algumas fontes —, ao fazer investimentos maciços em ações mesmo antes de o dólar

ter colidido contra o euro em 2003. O Papa João Paulo ouvira queixas, durante anos, da falta de supervisionamento financeiro, mas ao mesmo tempo que centralizou o orçamento e a gestão de muitas agências do Vaticano, nunca tocou na autonomia da basílica. No Vaticano, os laços políticos foram sempre mais fortes do que os argumentos económicos, e a basílica sabia como se defender. Foram forjadas alianças, bandeadas influências, e a *Fabbrica* e o Capítulo sobreviveram. Como um monsenhor formulou a questão, não era apenas a questão de proteger o seu quintal, mas de defender centenas de anos de tradição.

Estas questões financeiras estavam acima do nível de pagamento de Fiorucci; desde que recebesse o seu pagamento mensal e lhe servissem uma refeição quente na cafetaria da *Fabbrica*, dava-se por feliz. Mas, como todos os *sampietrini*, testemunhara recentes impasses entre os administradores da basílica e outras agências do Vaticano. Foi pior quando João Paulo estava em câmara-ardente. Subitamente, toda a gente queria ter a Basílica de São Pedro a seu cargo: houve um constante desfile de *raccomandati*, os privilegiados, que entravam pela porta das traseiras e eram conduzidos ao princípio da fila por funcionários da Secretaria de Estado ou das congregações da Cúria Romana ou do *Governatorato*, que administrava o Estado constituído pela Cidade do Vaticano. Os funcionários da basílica tinham o direito a determinar o acesso, e em mais de uma ocasião mandaram embora essas inesperadas delegações que entravam pela «porta do cavalo». Era tudo um pouco embaraçoso, especialmente para os VIP. Ressentimentos antigos emergem à superfície em alturas como esta, e houve fricções entre o pessoal da *Fabbrica* e os Guardas Suíços que estavam de serviço no interior da igreja. Aos olhos das autoridades da basílica, os Guardas Suíços tinham começado a achar que a sua jurisdição abarcava cada metro quadrado da Cidade do Vaticano. Também eles precisavam, por vezes, de ser postos no lugar.

Fiorucci deteve-se em frente a uma porta. No lintel de pedra estava gravado *Lumaca della Campana*. Tirou a grande chave do bolso do fato-macaco e fê-la girar por duas vezes na fechadura de bronze. Parou e baixou-se para entrar, fechando a porta atrás dele e virando-se, depois, para subir as estreitas escadas encaracoladas até à torre dos sinos. As escadas enroladas como uma *lumaca*, ou caracol, eram íngremes e ele levou o seu tempo a escalar por elas. De cima, um único sino soou, reverberando pela câmara em espiral: nove e um quarto da manhã. Os cardeais teriam já terminado as suas orações da manhã e, agora, as votações iniciar-se-iam.

Alcançou a plataforma e saiu da *lumaca*, movendo-se agora por uma escadaria mais larga de madeira. Era como uma corrida de obstáculos, acabando na alta sala aberta que abrigava os sinos. De baixo, parecia que havia

apenas um ou dois sinos, mas na realidade havia seis ao todo, cada um com uma finalidade que, hoje em dia, lamentavelmente, poucas pessoas recordavam. A *rota*, com o batente já muito gasto, era o sino mais antigo, datando de meados do século catorze. Era originalmente usado para convocar os juizes da Rota Romana, o principal tribunal do Vaticano. Nessa época, os juizes não teriam qualquer dificuldade em reconhecer o timbre e a cadência do seu repicar. Isto é que era notável: antes do telefone e da eletrônica, e antes de o ruído do tráfego de Roma predominar, os sinos eram a forma de comunicação do Vaticano através da cidade. Um outro sino, a *predica*, tocava às horas de reunir para a oração. Os sinos ressoavam melodias complexas para os domingos, para a oitava<sup>1</sup> dos dias festivos, para as *têmporas*<sup>2</sup>, para os dias de jejum e os aniversários papais. Era o código cerimonial de Roma. Mas, hoje, no meio da cacofonia da vida moderna, era por vezes difícil ouvir o toque dos sinos fora da Praça de São Pedro.

Fiorucci foi até à borda da torre, onde o *campanone* se erguia em toda a sua embaçada majestade. Serpenteando em redor da secção principal do sino, havia um baixo-relevo representando uma procissão de santos. São Pedro e São Paulo, patronos de Roma, estavam do lado fronteiro à praça. Eram encimados por inscrições, querubins e um friso de símbolos estranhos que incluíam rostos sorridentes, tiaras papais e as chaves de São Pedro. Em cima, rapazes desnudos a segurarem serpentes marinhas parecidas com golfinhos formavam uma elaborada coroa ornamental de todo o trabalho. O sino estava ali pendurado desde 1786; com dois metros e meio de diâmetro e mais de sete metros e meio de circunferência, era o nono sino maior do mundo. Fora encomendado pelo Papa Pio VI, depois de o anterior *campanone*, com apenas trinta e três anos de serviço, ter rachado um dia quando tocava em pleno repique. Como muitas outras coisas no Vaticano, o novo *campanone* tinha uma história sinuosa. O papa atribuíra o trabalho de desenhar e fundir o sino a Luigi Valadier, um ferreiro romano muito conhecido que executara numerosas encomendas para decoração de igrejas e figuras de altar para todo o mundo. Como se veio a verificar, porém, Valadier não era realmente um sineiro. O som de um sino depende de muitas coisas, incluindo as dimensões, a qualidade do bronze e o trabalho de acabamento. Requer não só conhecimentos especializados, mas também experiência. Começaram a circular rumores nas oficinas dos

---

<sup>1</sup> Prolongamento por oito dias de uma celebração, contando como primeiro o próprio dia da festa, costume que remonta ao Antigo Testamento. [N. de T.]

<sup>2</sup> Designação dos dias de penitência, oração e ação de graças pelos frutos da terra, no início de cada estação do ano, correspondendo à cristianização das antigas festas agrárias das sementeiras, colheitas e vindimas celebradas pelos Romanos. [N. de T.]

artífices de Roma de que Valadier não estava à altura da tarefa, que estava com problemas, que o desenho era defeituoso, que o som seria apagado e o aparecimento de rachas eram uma probabilidade. A 1 de setembro de 1785, Luigi Valadier saiu da sua oficina para as docas da cidade e atirou-se ao rio Tibre. Gente dos barcos tentou salvá-lo, mas Valadier já se afogara quando o retiraram. O seu suicídio chocou Roma, mas foi-lhe dado um excelente funeral e foi enterrado na Igreja de São Luís dos Franceses, a alguns passos do Panteão. Dez meses depois, o seu sino foi pendurado e toda a gente o classificou como magnífico.

Da câmara fronteira da torre sineira, era impossível ver a Praça de São Pedro lá em baixo, mas Fiorucci sabia que se estaria a encher de inúmeros estrangeiros; os romanos era sempre os que chegavam mais tarde, e viriam à pressa, apenas no último minuto, ou quando as palavras *fumata bianca* se espalhassem como relâmpagos pela cidade. Os estrangeiros aclamavam tudo, mesmo quando um simples monsenhor debruado a vermelho atravessasse a praça. «Olhem, é um dos cardeais!» Na noite anterior, muitos se tinham animado quando os sinos tocaram as oito horas. Pensavam que fora eleito um papa. Claro, era um disparate — o *tocco* lento das horas e o badalar solto dos sinos *a distesa* eram completamente diferentes. Fiorucci ouviu um pequeno clique e instintivamente tapou os ouvidos, afastando-se do grande sino.

Mas como poderiam eles saber isso? Eles não falavam a linguagem dos sinos. Eram dez da manhã e um pequeno martelo de um dos lados do *campanone* iniciou a sua rotina mecânica, batendo a hora. Embora isso costumasse ser feito à mão, agora estava automatizado.

Fiorucci caminhou até uma pequena cabina a um canto e afastou a pontapé algumas penas de pombos. Puxou uma cadeira de plástico e sentou-se em frente de uma consola, onde uma série de interruptores pretos controlava os sinos. O primeiro à esquerda, o N.º 1, ligava o *campanone*. Antes de o ligar, claro, Fiorucci teria de ter a certeza de que um papa fora realmente eleito. Isso não o preocupava particularmente, mas não assumia a tarefa com ligeireza. «Se ligo aquele interruptor e sai fumo preto, é a minha cabeça», reconhecia ele. Felizmente, Fiorucci não precisava de saber ler sinais de fumo — ele nem sequer conseguia ver o fumo a partir da torre dos sinos, pois a chaminé da Capela Sistina era do outro lado da basílica. Em vez disso, ele seria devidamente informado, ou assim lhe diziam. Os pormenores nunca tinham sido afinados. Ele deveria estar na torre para o fumo do meio-dia; à noite, uma vez que a basílica estava fechada, ele esperava diante de uma consola idêntica numa pequena sala do rés-do-chão, perto da sacristia. Ali em cima, tinha um telemóvel e um radiotransmissor. Mas o empastelamento eletrónico devido ao conclave e às grossas paredes

da basílica tornava ambos pouco dignos de confiança. Fiorucci estendeu a mão e puxou um pesado telefone castanho para mais perto de si. Era um modelo antigo, com um marcador de disco que estava, provavelmente, ali há décadas. Pegou no auscultador e ouviu o sinal. Era isso o mais importante.

Começava a ficar com calor. Tirou o casaco, recostou-se e fechou os olhos por um momento. A única coisa que conseguia ouvir eram os bombos a arrullhar e o zumbido distante que vinha da praça.

Às onze e cinquenta e dois da manhã, o telefone tocou.

— Fumo negro. Pelo menos *parece* preto — anunciou um dos assistentes seus amigos. Mas antes que pudesse deixar o seu posto, Fiorucci tinha de esperar pela confirmação oficial do Bispo Lanzani, que veio alguns minutos depois. Enquanto vestia o casaco e começava a descer as escadas, ouviu o *campanone* começar a ressoar as badaladas profundas do meio-dia. Lá em baixo na praça, os ingénuos começaram a fazer aclamações.

— Quero que isto termine. É demasiada pressão — disse Sophie de Ravinel, uma jovem repórter de *Le Figaro*, ao mesmo tempo que enfiava a cabeça na nossa cabina do *Catholic News Service* e dava um grande suspiro.

Eram três da tarde de terça-feira, o segundo dia do conclave, e a atmosfera no gabinete de imprensa do Vaticano estava carregada de um nervosismo doentio. Na noite anterior e naquela manhã, a chaminé da Capela Sistina expelira duas baforadas de fumo negro. Mas, apesar das garantias pré-conclave e do uso de químicos colorantes, o fumo parecera cinzento. Depois, branco. Depois, negro. Depois, de novo cinzento.

À esquina do nosso cubículo, uma televisão mostrava em direto a chaminé da Capela Sistina. Os cardeais, invisíveis, regressavam nesse momento ao seu interior para a quarta votação do conclave.

Durante as quarenta e oito horas anteriores, muitos dos meus colegas jornalistas, privados de sono e com o excesso de trabalho provocado pelos acontecimentos das duas últimas semanas, tinham começado a ficar menos eficazes, agora que os cardeais estavam trancados do lado de dentro e nós do lado de fora. O estranho era que eu estava a gostar daquilo. Eu estava, provavelmente, mais preparado do que ninguém para o fumo branco, mas, como eu disse a Sophie, não conseguia deixar de adorar cada minuto.

— Pelo que sabemos, poderemos estar aqui mais uma hora ou mais outra semana — disse eu. — Não faço ideia, e não faço ideia se estaremos certos ou errados. É excitante. É fantástico.

Além do mais, eu acreditava naquilo. Estava a ser feita História, para lá das portas fechadas. Não era democrático, não era transparente, e era

maravilhoso. A incerteza e apreensão na sala de imprensa apinhada aumentavam o meu prazer. O toque final era a chaminé. Havia algo de maravilhosamente surreal numa instituição que anunciava a morte do papa através de um *e-mail* para as agências de notícias, e duas semanas depois anunciava a eleição do seu sucessor através de um sinal de fumo.

Mas, tal como os editores de Sophie, o pessoal da minha redação em Washington estaria a ver o fumo a sair por aquela chaminé. Até aí eles poderiam ver por si mesmos na televisão. O que eles esperavam que eu soubesse era o que ele significava. De algum modo, vinte e cinco anos a cobrir o Vaticano deveria dar-me maior discernimento para distinguir os diferentes tons do fumo cinzento.

De facto, eu estivera em Roma para os dois conclaves de 1978 que elegeram os dois João Paulo, e nessa altura o fumo não pusera fim aos problemas. A multidão na praça por mais de uma vez se convencera de que era branco, e, depois de esperar em vão pelo aparecimento de um novo papa, regressou a casa a resmungar. Quando João Paulo II foi finalmente eleito, o fumo parecia escuro — mas quando as pessoas começaram a abandonar o local, ficaram surpreendidas ao ouvirem os altifalantes do Vaticano estalarem, animando-se, dizendo-lhes para ficarem, o fumo era branco. Nessa ocasião, a minha editora no *Rome Daily American* quis colocar uma fotografia de página inteira com o fumo a sair da Capela Sistina. «É cinzento», queixou-se ela quando viu a fotografia, pegando num frasco de Wite-Out para o corrigir.

Desta vez, claro, as coisas seriam diferentes. Ou nós estávamos convencidos disso. Dois dias antes estivera entre um pequeno grupo de repórteres levados à Capela Sistina para ver a organização do espaço do conclave. Na parte principal da capela estavam dispostas duas longas mesas cobertas com feltro bege e castanho, cheias de cartões com os nomes. As cadeiras estavam muito juntas umas às outras — tão juntas que tive uma imagem mental dos cardeais a terem de esconder os boletins de voto ao escreverem a sua escolha. O belo pavimento de mármore fora coberto com uma tapete. Com exceção do fresco do Juízo Final, de Miguel Ângelo, que avultava ameaçadoramente ao fundo da sala, parecia um pouco o espaço de uma convenção empresarial num Holiday Inn.

Mas a verdadeira razão por que os jornalistas tinham sido levados à Capela Sistina era para admirarem o fogão que estava colocado na extremidade mais longínqua da sala. À direita estava o cilindro negro de ferro fundido utilizado para queimar os votos em todos os conclaves desde 1939. Mas ligado a ele, à esquerda, estava um aparelho elétrico, novo, mais pequeno, com um painel de controlo e um botão vermelho de ligar. A sua finalidade, explicou-me orgulhosamente um Guarda Suíço, era queimar um

produto químico que intensificasse a cor do fumo e pré-aquecer a chaminé de cobre para melhorar a tiragem. Aproximei-me para ver com mais atenção e encontrei Phil Pullella, o correspondente da Reuters no Vaticano e um bisbilhoteiro crónico, já a rondar uma caixa metálica junto do fogareiro. Levantou a tampa, pondo a descoberto fileiras de estranhos mecanismos elétricos. De imediato, os guardas intervieram, enxotando-nos e fechando a caixa. Não estavam, claramente, a contar-nos tudo.

Pullella ladeou um outro guarda para lhe perguntar a razão de o chão ter sido elevado quase um metro. Seria para permitir mais fácil acesso aos cardeais menos ágeis? O guarda não deveria ter dito nada, mas soltou uma pequena informação suculenta que era demasiado difícil de conter.

— Onde é que pensa que pusemos os mecanismos de empastelamento? — disse ele orgulhosamente, aparentemente sem perceber que nos acabara de dar o título da história desse dia. Com a sua mania do secretismo, o Vaticano contratara especialistas para instalarem equipamento eletrónico capaz de perturbar o sinal de telemóveis ou de rádio e impedir escutas sem fios. Ninguém iria enviar mensagens de texto do interior *daquele* conclave.

Ao sair da Capela Sistina, de regresso à grande escadaria *Scala Regia* em direção às Portas de Bronze, perguntei-me se o tecno-fogareiro aumentaria ou diminuiria a margem de erro. De qualquer modo, tudo parecia ligeiramente redundante, uma vez que o Vaticano pusera recentemente em ação um sinal seguro de reserva: os sinos. Quando um papa era eleito, os sinos de São Pedro começavam a tocar. Não todos os sinos, na realidade, mas o *campanone* gigante, o «grande sino», o burro de carga de dez toneladas que entrava em ação nos momentos eclesiais mais importantes do ano. Quando o Arcebispo Piero Marini, o mestre de cerimónias da liturgia papal, anunciou que a eleição do novo papa seria confirmada pelo ressoar do *campanone*, muitos dos veteranos dos conclaves ficaram desapontados. Isso parecia-lhes matar o gozo de olhar para a chaminé. De facto, de que servia preocuparem-se com o fumo?

Mas assim que a votação começou, os jornalistas estavam contentes por ter o *campanone* como grande árbitro. Essa era a razão pela qual era mais vantajoso estar na Praça de São Pedro em vez de olhar para a chaminé na imagem de vídeo. Assim que o fumo começasse a jorrar da chaminé, a coisa mais inteligente a fazer era manter vigilância sobre o sino, que permanecia imóvel no cimo da torre, do lado esquerdo da fachada. Ele começaria a balançar silenciosamente de um lado para o outro antes que as primeiras notas ressoassem através da cidade. Sem sinos, nenhum papa. Era a rede de segurança dos meios de comunicação.

Do lado de fora das portas trancadas da Capela Sistina, o Guarda Suíço de sentinela deixou os olhos vaguearem pelos motivos embutidos no



mármore do chão da *Sala Regia*. O grande átrio estava vazio, e a sua presença poderia ter parecido inútil. Mas os guardas e os organizadores do conclave sabiam que, apesar da sua reputação de ser hermeticamente fechado, o Vaticano era na verdade muito permeável — por vezes embaraçosamente permeável. Embora parecesse absurdo, não se poderia descartar a possibilidade de alguém poder tentar arruinar o conclave ou, pura e simplesmente, vagarear por ali inadvertidamente. Não os peregrinos nem turistas normais, que seriam detidos nas Portas de Bronze, na Praça de São Pedro, três pisos abaixo, ou num dos três portões principais de acesso à Cidade do Vaticano. Não, o risco vinha de pessoas com ligações a algum empregado do Vaticano ou a um monsenhor residente, que orgulhosamente as acompanharia pelas instalações como se fosse o dono. Ao longo dos anos, os guardas encontraram indivíduos ou grupos a errarem ingenuamente pelos corredores da Secretaria de Estado, de olhos postos nos frescos dos tetos, ou a vagarearem pelo pátio que havia mesmo abaixo do apartamento do papa, ou simplesmente perdidos no labirinto dos mais de duzentos gabinetes que constituem o Palácio Apostólico. Havia também os casos de loucura. Uma vez — só a recordação disto atormentava os guardas — um italiano louco que dizia ser o médico pessoal de João Paulo I foi sendo feito passar por todos os pontos de verificação até ao apartamento papal. Caiu aos pés do papa, o facilmente irritável Albino Luciani, que atabalhoadamente pediu «Levem-no daqui!». Esse incidente foi abafado porque apenas poucas pessoas tinham conhecimento dele. Mas um conclave era diferente. Se um intruso alcançasse a porta da Capela Sistina, toda a gente iria ficar a saber e os guardas seriam ridicularizados.

A porta de acesso à Capela Sistina estava trancada, claro. Mas qualquer incidente do lado de fora seria ouvido no interior. Disso, o Guarda Suíço estava certo, porque ele próprio conseguia ouvir os cardeais, e, por vezes, conseguia até ouvir o que estavam a dizer. Inacreditavelmente, as suas vozes passavam ocasionalmente pela porta, especialmente quando a contagem dos votos estava a ser anunciada pelo sistema eletroacústico interno. Era perturbante, e um pouco desconcertante, ser o destinatário involuntário de segredos que ele nunca poderia contar. Porque também ele fizera o juramento de nunca revelar os procedimentos internos do conclave, sob pena de excomunhão.

O guarda não conseguia ouvir tudo, mas pareceu-lhe que o Cardeal Ratzinger ia à frente na contagem, o que não era nenhuma surpresa. Durante meses, os zunzuns dentro do Vaticano tinham sido acerca do Cardeal Ratzinger. A Guarda Suíça gostava dele. A Cúria Romana gostava dele. A casa papal gostava dele. As pessoas da Secretaria de Estado eram cautelosas — Ratzinger tinha a reputação de favorecer a doutrina em detrimento da

diplomacia —, mas isso apenas potenciava a posição de Ratzinger relativamente aos outros. A maioria das pessoas do topo do Vaticano sabia que ele era o mais qualificado para ser o papa seguinte. Tinham-se avisadamente absterido de o dizer até muito recentemente; isso não poderia ser visto como uma campanha da Cúria, ou estaria condenada. Tudo teria de passar pela quantidade de votos, e o Cardeal Ratzinger precisaria de setenta e dois para ultrapassar os dois terços necessários para a eleição. Na noite anterior, começara bem, e ganhara mais apoios pela manhã. Mas a votação daquela noite era o momento da verdade: se a progressão de Ratzinger parasse agora, os cardeais voltar-se-iam para outros candidatos em lugar de se empenharem numa batalha eleitoral prolongada.

Quando os cardeais formaram fila para regressarem à Capela Sistina para as duas votações da noite, o guarda olhou atentamente para os seus rostos. Pareciam estar descontraídos. Alguns sorriam. Sorrisos, decidira ele, significavam um conclave rápido. Os cardeais eram humanos e sabiam que o mundo lá fora esperava com impaciência. Mesmo um conclave que durasse quatro ou cinco dias seria descrito como um impasse, um beco sem saída, o sinal de uma Igreja dividida. Ninguém queria isso.

Às quatro da tarde, as portas da Capela Sistina fecharam-se. No final das duas votações — ou após a primeira votação, se fosse eleito um papa — os boletins de voto seriam queimados no fogão, juntamente com as anotações dos cardeais e as folhas das contagens. Já houvera problemas. O fumo começara a passar para a *Sala Regia* no final das duas primeiras sessões de votação. Isso enervara os guardas — queria dizer que havia uma considerável quantidade de fumo no interior da capela. Não fora tão mau como em 1978, quando uma brisa descendente enviara o fumo preto de volta à Capela Sistina e os cardeais tinham saído, engasgados e arquejantes. Mas, desta vez, era suficiente para incomodar alguns dos prelados e para suscitar o alarme dos funcionários dos Museus do Vaticano, que tinham passado dez anos a extirpar o resíduo negro do fumo das velas dos frescos de Miguel Ângelo, no teto.

— Foi bom que não estivessem historiadores de arte lá dentro — comentara o cardeal austríaco Christoph Schönborn. Estava a brincar, mas nem todos estavam divertidos.

Agora, o Guarda Suíço conseguia ouvir de novo as vozes lá dentro, sem dúvida a anunciar mais uma contagem de votos. Resistiu à tentação de se aproximar da porta e olhou para o relógio. Tinham acabado de passar as cinco e meia. Demorava tanto tempo a votar devido ao rito especial de recolha dos boletins. Dobrar, desdobrar. E para juntar os boletins, estavam a utilizar novas urnas com uma forma estranha, que os tradicionalistas odiavam — a imprensa chamara-lhes pires voadores. Subitamente, o guarda

ouviu um som como se fosse chuva a cair. Só um segundo ou dois depois reconheceu o som vindo do outro lado da porta como sendo o de aplausos. Começou lentamente, depois aumentou até formar uma ovação sustentada. O seu coração acelerou, e soube. Era Ratzinger.

O gabinete de imprensa ficara tão apinhado pelas cinco da tarde que os repórteres esbarravam uns nos outros. Eu acabara de escrever duas histórias: uma a dizer que o Cardeal Ratzinger era o novo papa e a outra, muito mais curta, a dizer que o cardeal italiano Dionigi Tettamanzi fora eleito. Considerava Tettamanzi uma hipótese improvável (não fazia ideia de quanto improvável), mas pensava que os cardeais poderiam virar-se para ele, no início do conclave, como uma opção de compromisso. No coração, porém, sabia que se naquela noite saísse fumo branco, só poderia ser Ratzinger. No segundo dia do conclave não houvera ainda tempo suficiente para qualquer outro cardeal ganhar força. Todos nós traçáramos perfis de *papabili* do Terceiro Mundo, mas nenhum deles seria eleito tão rapidamente, à quarta ou quinta votação.

Os meus colegas, na *Sala Stampa*, tinham-se dividido acerca das hipóteses do Cardeal Ratzinger. O argumento contra o cardeal alemão era o de ele ser demasiadamente teórico, demasiadamente velho e demasiadamente pouco pastoral para ser eleito. Apenas alguns meses antes, a ideia de incluir Ratzinger numa lista selecionada de potenciais sucessores de João Paulo II era descartada pelos repórteres — com uma exceção. Em janeiro, Jeff Israely, o correspondente em Roma da revista *Time*, escrevera um breve mas intrigante artigo que citava um responsável da Cúria Romana: «A solução Ratzinger está definitivamente aberta.» Três meses antes de o Papa João Paulo morrer, as engrenagens estavam já em movimento. Ao longo das últimas duas semanas, na qualidade de deão do Colégio de Cardeais, Ratzinger presidira capazmente ao funeral de João Paulo e a diversas assembleias de vardeiais, e tornou-se mais fácil imaginá-lo como papa. Dada a escassez de outros *papabili*, a sua candidatura adquirira subitamente um ar de inevitabilidade entre os cardeais eleitores, e os jornalistas estavam a seguir a vibração.

Deixei a correspondente do CNS, Cindy Wooden, na nossa cabina e fui até à porta da *Sala Stampa*, passando pelos guardas que verificavam as credenciais e pelos pequenos ajuntamentos de jornalistas a entrevistarem jornalistas. À minha frente, a Praça de São Pedro fervilhava de vida. O local estava a encher-se rapidamente e os repórteres permaneciam na área como sentinelas. Observei Alessio Vinci, a meio de uma pequena escada, a fazer uma rápida reportagem em direto para a CNN. *Isto não foi assim em 1978,*

pensei eu. Nesse ano, quando o «fumo branco» anunciador da eleição de João Paulo II chegou às ondas hertzianas, eu fora de bicicleta do nosso escritório, perto da Fontana de Trevi, até à Praça de São Pedro colocando-me num lugar mesmo sob a varanda central, mesmo a tempo de ouvir o anúncio *habemus papam*. Agora, a praça estava tão apinhada que não se conseguia chegar perto da basílica.

Avistei o Monsenhor Michael Magee, um quarentão natural de Filadélfia que trabalhava na Congregação para o Culto Divino e a Disciplina do Sacramento. Estava a falar com um colega, funcionário do Vaticano, na orla da praça. Teoricamente, ambos deveriam estar a trabalhar naquela tarde, mas quem haveria de ficar no gabinete num momento daqueles? Parei para conversar com Magee, e concordámos em que, se o fumo saísse cedo, isso provavelmente significaria eleição, uma vez que não havia possibilidade de fazerem duas votações em menos de duas horas. Eram cinco e quarenta da tarde, segundo o relógio em cima da torre dos sinos. Vimos a primeira baforada de fumo ao mesmo tempo. E depois outra, e o primeiro de muitos clamores de aclamação ergueu-se da praça.

— Oh, meu Deus, temos papa! — gritou Magee, e debandámos ambos a correr em direções opostas.

Magee não parara sequer para verificar uma segunda vez a cor do fumo, nem eu o fiz. Imaginámos que tinha de ser branco. Irrompi na sala de imprensa, onde os repórteres permaneciam numa confusão tensa sob os monitores de televisão. Rapidamente me apercebi de que as opiniões estavam de novo divididas.

— Escuro de mais — argumentava um colega espanhol, gritando qualquer coisa para o telemóvel.

— É branco! Claro que vai parecer cinzento, especialmente visto de perto nas televisões, porque o fumo «branco» é coisa que não existe. Mas não é negro — dizia Pullella. Nesse momento o fumo escureceu — ou era apenas o ângulo da câmara em contraste com o céu do meio da tarde? Toda a gente guardou a história com «fumo branco saiu pela chaminé». Essas histórias diziam que ele parecia branco ou cinzento e que as pessoas aclamavam. Ninguém se atreveu a declarar que fora eleito um papa.

O Padre Ciro Benedettini, vice-diretor do gabinete de imprensa do Vaticano, corria apressadamente pela sala de imprensa, ateando uma pequena explosão de questões.

— Não me perguntem — disse ele. — Sei tanto como vós.

Chamei Benedicta Cipolla, uma das nossas repórteres na praça. As pessoas estavam excitadas, disse ela. Tomavam posição sob a varanda para o anúncio, fazendo chamadas de telemóveis para casa, acenando com bandeiras — e perguntando-se uns aos outros se o fumo era ou não

realmente branco. A cena era um misto de júbilo e confusão. Tinham já passado dez minutos desde que o fumo aparecera, e ainda continuava a sair. E os sinos?

— Não estão a tocar.

A um canto da Capela Sistina havia um problema. De todas as vezes que o fogão era aberto para adicionar novos boletins e papéis, deixava escapar fumo escuro para dentro da sala. E as embalagens com o produto químico, queimadas no fogareiro auxiliar, demoravam demasiado tempo a incendiar-se, pelo que o fumo que, na realidade, saía pela chaminé era mais escuro do que deveria.

— Acho que não experimentaram isto. Deveriam ter experimentado — observou o Cardeal Roger Mahony, de Los Angeles.

Todos os cardeais que descreveram a cena posteriormente tinham conselhos a dar — sobre o tempo de ignição do químico, sobre a quantidade de ar que deveria passar para o queimador de ferro fundido, sobre a quantidade de votos que deveriam ser postos ao mesmo tempo. Alguns perguntavam-se acerca da pertinência de se colocarem dois tubos de ventilação de cobre — um para cada fogão — que depois se juntavam, algures a meio caminho do telhado. Não estaria isso a atrapalhar a tiragem? Como observou a minha colega Cindy Wooden, parecia um grupo de homens em redor de um churrasco, debatendo as vantagens de cozinhar a carvão.

O fumo foi apenas um dos problemas que o Arcebispo Piero Marini teve de enfrentar. Como mestre das cerimónias litúrgicas, fora convocado assim que os votos finais foram contados e anunciados. Chegou à Capela Sistina a tempo de ouvir perguntar ao Cardeal Ratzinger: «*Quo nomine vis vicari?*»

A escolha do nome era ela própria um drama, sendo o primeiro ato de um novo pontífice e um indicador do seu programa papal. Idealmente, o nome estabeleceria uma continuidade ou, pelo menos, uma associação com um papa anterior — mas qual? «João Paulo III» deixaria Ratzinger para sempre na sombra do seu predecessor; «Pio XIII» apareceria como um sinal de regressão a um pontificado pré-Vaticano II; «João XXIV» estava fora de questão.

«*Vocabor Benedictus*» — respondeu o novo papa. E de novo todos irromperam em aplauso.

Bento XVI. Para o Arcebispo Marini, a escolha não era surpreendente: Bento, um dos santos patronos da Europa. Até onde a Igreja universal ia, a Europa continuava no centro. Ratzinger zelaria por isso. Iria haver menos viagens à África e à Ásia.

Os escrutinadores juntaram os 115 votos e todas as anotações que os cardeais tinham feito durante a votação, os quais não dariam para fazer um grande fogo, e isso era parte do problema. Tinham de queimar de novo algum papel extra. E, em breve, o fumo começou a ser devolvido ao interior da capela.

O Arcebispo Marini ficou e avaliou a cena. Não era alguém que se desorientasse com facilidade, aquele prelado com sessenta e dois anos e cabelos brancos que passara a maior parte dos últimos dez anos a guiar o cada vez mais frágil João Paulo II durante os seus atos públicos. Se o papa tropeçasse no altar, o braço de Marini estaria lá para o agarrar. Se o papa se perdesse durante uma leitura, lá estaria o dedo de Marini para o guiar de volta ao texto. Foi Marini que alterou a liturgia papal para nela acomodar um celebrante com dificuldades e que ajudou a conceber uma cadeira móvel que pudesse ser levantada e baixada pneumáticamente, possibilitando ao papa presidir ao altar apesar de estar sentado. Marini sabia que os espetadores de televisão pelo mundo fora mal dariam conta e que as vestes esvoaçantes cobririam a correia utilizada para manter o pontífice na cadeira. E, enquanto os anos passados tinham levado muitos desastres aos altares do mundo, Marini não entrara em pânico uma única vez. No final de 1999, pensaram que ele estava louco por deixar que o próprio papa abrisse a Porta Sagrada; João Paulo oscilava no degrau de cima na sua longa casula *Technicolor*, mal se aguentando de pé, mas conseguira fazê-lo por pura força de vontade. Como Marini depois explicou, aquele foi o momento do papa: ele não poderia ter o seu mestre das cerimónias litúrgicas a escorá-lo. Nesta, e noutras incontáveis ocasiões, Marini afligira-se juntamente com todas as outras pessoas com a possibilidade do desastre durante a cerimónia, mas o seu rosto nunca o mostrou. Era imperturbável e foi esse sentido da compostura que, por vezes, pareceu manter tudo em ordem. Quando o papa morreu, Marini abriu uma gaveta fechada à chave e retirou de lá dois volumes de orações e cerimónias litúrgicas em que ele trabalhara penosamente durante mais de uma década. Os livros cobriam praticamente todos os momentos desde a morte do papa à eleição papal e tornaram-se o guião do que muitos consideram a mais suave transição papal na História moderna. A missa fúnebre de João Paulo foi tão bem encenada que, quando o vento suavemente soprou as páginas abertas do Evangelho à cabeceira da urna do papa, um responsável do Vaticano observou que esse fora o mais fino toque de Marini.

Marini lidou com a enfermidade do papa e o seu funeral tão habilmente que até os seus inimigos, embora contrariados, o reconheceram. E não haja enganos, ele tinha inimigos. A Cúria Romana estava dividida ao meio acerca das suas liturgias. Os tradicionalistas desprezavam o que consideravam ser a crescente dimensão de espetáculo das missas papais ao longo dos

anos — os bailarinos nativos dos países do Terceiro Mundo, a música exótica, e a exibição de oferendas multiculturais, de intenções e vestes. Odiavam as flores, que fluíam, sobre, sob e em volta do altar, em clara violação das próprias regras do Vaticano! Culpavam Marini, e estavam convencidos de que ele era um homem marcado. Especialmente se o Cardeal Ratzinger, um oponente declarado da inovação litúrgica, fosse eleito papa.

Nesse momento, contudo, o Arcebispo Marini não tinha tempo de refletir no que a eleição daquele cardeal poderia significar para a sua carreira eclesiástica. Enquanto ele e os seus assistentes estavam a regular o fogão, alguém lhe meteu um pergaminho nas mãos. Era o certificado de aceitação do ministério papal, e fazia parte do seu trabalho preenchê-lo e autenticá-lo. Trabalhou depressa, pois em breve teria de dar assistência ao novo papa e ajudá-lo a escolher vestes do tamanho adequado de entre os três conjuntos pendurados num pequeno vestiário ali próximo. Para Ratzinger, calculou ele, seria um Médio.

Por essa altura, os cardeais estavam, um a um, a caminho de beijar a mão ao papa, que permanecia de pé, parecendo muito contente e algo esmagado. Foi apenas então que alguém se lembrou dos sinos. O Arcebispo Marini ou algum dos seus mais importantes *ceremonieri* deveria ligar para a *Fabbrica*, onde o Bispo Lanzani daria ordens ao tocador do sino. Mas ainda ninguém ligara para a *Fabbrica*. Os telemóveis estavam empastelados, pelo que isso significava enviar alguém até uma linha terrestre. A caminho de vestir o novo pontífice, Marini murmurou para um dos seus assistentes, que correu para uma porta, abriu-a e viu aquele único Guarda Suíço a fazer sentinela do lado de fora.

— Descubra um telefone — ordenou ele ao guarda. — Diga-lhes para tocarem o *campanone!* *Habemus papam!*

Poucas pessoas deram conta do Bispo Vittorio Lanzani quando ele se apressou pela Praça de São Pedro e passou o Arco dos Sinos. Embora ele fosse o segundo funcionário mais importante da *Fabbrica*, não era alguém que um qualquer turista reconhecesse. Lanzani fazia parte da hierarquia invisível do Vaticano, e gostava que assim fosse. Um homem franzino e simples, de óculos grossos, que não tinha qualquer apetite pela celebridade. Aos cinquenta e três anos estava já no caminho que sem dúvida o levaria ao cardinalato um dia. Mas, por agora, parecia feliz por trabalhar nos bastidores. O importante era fazer o seu trabalho bem feito e, especialmente naquela conjuntura crítica — com o mundo a ver —, evitar passos em falso.

As duas semanas e meia anteriores tinham virado o mundo de Lanzani de cabeça para baixo. A simples tarefa de abrir e fechar a Basílica de São Pedro, mantê-la limpa e em condições, fora subitamente lançada no caos pela chegada de mais de três milhões de peregrinos. Perante os

que trabalhavam com ele, chamava ao *interregnum* uma «bela emergência», mas em privado tinha sérias dúvidas sobre se o pessoal da basílica e da *Fabbrica* conseguiria aguentar o horário que fora imposto. A Basílica de São Pedro fora concebida para abrigar até oito mil pessoas de uma só vez, mas naqueles dias havia vinte e uma mil pessoas a entrarem nela por hora.

Os sinos eram outro problema. A maior parte das pessoas imaginava que tocar os sinos era uma tarefa simples, facilmente executada por qualquer pessoa que pudesse agarrar numa corda. Lanzani reconhecia que era mais complicado do que isso. O tocador do sino em São Pedro precisava de saber manejar a consola elétrica. Esse era o domínio de Giuseppe Fiorucci, e Fiorucci era tão bom como qualquer outro. Mas Fiorucci era um leigo que ia para casa todas as noites após o trabalho. Na noite em que João Paulo II morreu, isso quase conduziu ao desastre. Lanzani estivera na Praça de São Pedro, abaixo do apartamento do papa moribundo, ajudando a rezar o terço para os milhares de peregrinos, quando um superior lhe sussurrou ao ouvido que o papa falecera. Lanzani percebeu subitamente que não tinham ninguém para tocar o sino.

— Chamem Fiorucci! — disse ele a um assistente, esperando que o sineiro ainda não estivesse na cama. Contactado em casa, Fiorucci saiu disparado para o Vaticano, enquanto os responsáveis da igreja, na praça, continuavam a rezar o terço. Quando, por fim, a morte de João Paulo foi anunciada à multidão, Fiorucci estava diante da consola e o lento e regular dobrar dos sinos começou de imediato. Tradicionalmente, o dobre a finais marcava o momento da morte, mas, neste caso, como Lanzani mais tarde recordou, «acho que o papa estava morto há algum tempo».

E agora, mais uma vez, a atenção do mundo estaria centrada nos sinos. Felizmente, daquela vez Fiorucci estava no seu lugar. Lanzani acabara de chegar ao seu gabinete no rés-do-chão da *Fabbrica* quando a chamada chegou à central. Fiorucci atendeu. Mas não era o Arcebispo Lanzani quem estava a ligar. Era alguém que falava excitadamente com um forte sotaque italiano.

— Tens de tocar o *campanone*! O papa foi eleito!

Fiorucci pô-lo em espera e ligou para Lanzani.

— Está um Guarda Suíço a dizer-me para tocar o sino.

Lanzani franziu o cenho. A ordem deveria vir do gabinete do Arcebispo Marini.

— Quem é esse Guarda Suíço? — perguntou ele. Fiorucci não fazia a mínima ideia.

— Ele insiste muito. Diz que está do lado de fora da Capela Sistina.

Do outro lado da linha, o Guarda Suíço começava a entrar em pânico. Suplicou a Fiorucci para que tocasse o sino.

Lanzani, no entanto, já decidira: aquela não era a maneira de fazer as



coisas. Como sabia ele que era realmente um Guarda Suíço, ou que estava do lado de fora da porta da Capela Sistina?

— Não podemos desatar a tocar o sino apenas porque um Guarda Suíço anónimo liga e diz para o fazermos; diz-lhe que precisamos de ouvir isso de alguém com autoridade. De um *ceremoniere* — disse ele a Fiorucci.

A CNN interrompera a sua programação regular assim que o fumo começou a sair da chaminé da Capela Sistina. Agora, numa reportagem em direto a partir de uma encosta em socacos acima da Basílica de São Pedro, o veterano correspondente Jim Bittermann, juntamente com John Allen, correspondente no Vaticano do *National Catholic Reporter*, estavam a tentar perceber o que se passava.

Para Bittermann, aquilo evocava o falhanço de 1978, quando ele era correspondente em Roma da NBC e o seu canal fez a chamada errada. Depois de proclamar fumo branco, a NBC esperou meia hora em vão. Ninguém apareceu na varanda para anunciar um novo papa. A praça estava a esvaziar-se quando o canal se deu conta do falso alarme. Era uma história que Bittermann adorava contar, mas ele não estava para cometer esse erro de novo. E, na sua mente, não teria de o fazer — os sinos acabariam com quaisquer dúvidas.

Alguém lhe entregou um pedaço de papel. A agência noticiosa italiana ANSA acabara de anunciar fumo branco. Tal não impressionou Bittermann. A agência também clamara fumo branco no dia anterior. Os jornalistas italianos consideraram esses momentos mais como teatro do que como História em processo de acontecer, e se a cor passar de branca a preta, isso só intensifica o drama e não subtrai nada à sua própria credibilidade.

Bittermann observou a multidão a ficar mais excitada a cada minuto. Se, afinal, aquele fumo se revelasse preto, isso seria a mãe de todos os falsos alarmes.

— A multidão parece pensar que isto é fumo branco, de certeza — anunciou ele à audiência.

O toque dos sinos à hora certa ressoou subitamente pela praça.

— Lá estão os sinos a bater, Jim — disse John Allen.

— Certo. Lá estão os sinos a bater, mas são também seis horas em ponto.

— É bem verdade — reconheceu Allen.

Bittermann viu as imagens do *campanone* a partir da câmara da CNN. Continuava imóvel. Tinham passado doze minutos e ainda saía fumo pela chaminé. Que diabo se estava a passar?

No interior da *Fabbrica* dois homens esperavam que o telefone tocasse.

Giuseppe Fiorucci estava sentado diante da consola e escutava as vozes excitadas na sacristia, ao fundo do átrio.

— Fumo branco!

— Fumo negro!

— Devíamos tocar o sino!

Toda a gente tinha uma opinião. Mas ali atrás, bem dentro do anexo da basílica, não se conseguia o fumo, a praça ou fosse o que fosse. As pessoas falavam acerca da «honra» de tocar o sino, mas Fiorucci é que sabia. Estava sentado diante daqueles controlos porque trabalhara na basílica durante quarenta anos, não porque mostrara iniciativa ou discernimento em alturas de crise, ou maior capacidade que todos os outros para carregar em botões. Se as pessoas pensavam que ele poderia estar nervoso ou excitado para tocar o sino pelo novo papa, estavam enganados. Não mais do que quando dobrara a finados pelo papa velho. Afinal, não se pode começar a tocar o *campanone* e depois mudar de ideias. Tem de se ter a certeza. E com esses pensamentos ele sossegava o seu espírito.

Um quantas portas mais adiante, ao fundo do átrio, o Bispo Lanzani era menos filosófico. Fitava o telefone. Porque não tocava ele?

Alguém meteu a cabeça na porta.

— Dizem que é branco.

Um pensamento atormentador passou-lhe pela cabeça: *E se ninguém ligar a tempo? E se o novo papa aparecesse à varanda antes de o campanone ter começado a tocar?* Lanzani sabia que uma coisa dessas nunca mais seria esquecida.

Um novo papa. *Tem de ser Ratzinger*, pensou ele. Mais ninguém teria conseguido apenas em quatro votações. E isso era ótimo. Pelo ponto de vista de Lanzani, a Igreja era como um enorme pacote oceânico, e Ratzinger era o único com capacidade para tomar conta do leme. Ao contrário da maior parte dos cardeais, Ratzinger era uma figura familiar para as pessoas que trabalhavam na basílica. Atravessava diariamente a praça com o seu barrete preto, de pasta na mão, com um aspeto muito idêntico ao de um professor universitário. Celebrava missa com frequência na Capela do Santíssimo Sacramento da basílica — em latim. Seria um protetor da tradição da Igreja, e isso só poderia ser bom. É verdade que Ratzinger era alemão, e os papas alemães ao longo da História não se tinham distinguido. Mas os italianos, no Vaticano, consideravam-no quase um dos seus: trabalhara ali durante vinte e quatro anos. E, além disso, não havia realmente um *papabile* italiano.

No passado, quando os cardeais italianos estavam divididos entre dois dos seus próprios candidatos, ainda tinham a influência — e os votos — para impor um terceiro italiano, uma escolha de compromisso, ao resto do Colégio de Cardeais. Mas, agora, os votos italianos tinham encolhido para 20 em 115, não o suficiente para definir a agenda, e os próprios cardeais italianos estavam irremediavelmente divididos entre o Cardeal Tettamanzi, de Milão, e o Cardeal Camillo Ruini, vigário papal de Roma. Os liberais

sonhavam ainda com o Cardeal Carlo Martini, mas era provável que este recebesse apenas votos simbólicos do grupo «anti-Ratzinger».

Confrontado com um impasse, o conclave poderia voltar-se para o Terceiro Mundo. Mas para quem? Toda a gente falava acerca da América Latina, mas os cardeais dos Estados Unidos, e para dizer a verdade muitos europeus, desconfiavam dos Latino-Americanos. Da maneira pela qual Lanzani via a questão, eles não estavam nada familiarizados com o modo de atuar em Roma e não seriam nunca capazes de lidar com a Cúria Romana. Outros sussurravam a senha «maturidade» — os Latinos e os Africanos representavam Igrejas locais que não estavam ainda maduras para produzirem um papa. Talvez da próxima vez. Havia também a Ásia, mas o único cardeal que tinha alguma possibilidade era Ivan Dias, da Índia, um homem que passara a maior parte da sua carreira no serviço diplomático do Vaticano. Assim que chegou a Roma, Dias recebeu uma lição sobre como se pode acabar rapidamente com uma candidatura. As *voci* plantadas na imprensa italiana disseram que Dias estava doente, era diabético, e precisava de uma enfermeira pessoal para o ajudar a ir e voltar das reuniões secretas dos cardeais, todos os dias. Os seus desmentidos pareciam não conseguir chegar à letra de forma.

Do interior do Vaticano, então, todas estas conversas sobre um papa do Terceiro Mundo apareciam como uma fantasia. Os responsáveis da Cúria Romana sentiam que o vento estava a soprar do lado contrário. Depois de vinte e seis anos de expansão da Igreja, sob João Paulo II — a explosão de conversões e vocações no Terceiro Mundo, os incontáveis diálogos e encontros com os líderes de outras fés, os gestos históricos de visitar uma sinagoga ou uma mesquita —, era tempo de voltar a consolidar, de armazenar, de voltar a olhar para dentro. A Igreja Católica precisava de alguma atenção interna, de limpar a casa. As circunstâncias favoreciam alguém de dentro, e não havia ninguém mais de dentro do que Ratzinger.

Lanzani olhou para o relógio. Tinham passado mais cinco minutos. Então viu a central acender uma luz indicativa de chamada a entrar. Correu para fora do gabinete e encontrou o cubículo de Fiorucci já cheio de gente. Fiorucci colocou a mão sobre o telefone.

— Ele diz para tocar o sino.

— Ele quem?

Fiorucci pronunciou o nome de um monsenhor que trabalhava para o Arcebispo Marini.

Lanzani assentiu, satisfeito. Um *ceremoniere*.

— Agora já sabemos — disse ele lentamente, como se oferecesse uma lição a todos os que estavam na sala. — *Agora já sabemos.*

Deixou que a mensagem se interiorizasse.

— Toca o *campanone*.

Fiorucci acionou uma série de interruptores. Acima, na torre, um pequeno engenho elétrico zumbiu e as engrenagens gigantescas giraram lentamente. Uns segundos depois, o grande sino começaria a mover-se. *Habemus papam*.

## PELO AR



Mesmo a dez mil metros, o Papa Bento XVI tinha um discretíssimo modo de entrar em cena. Vestido com a sua melhor batina branca, o cabelo recém-penteado para a viagem, o pontífice deslizou silenciosamente para o compartimento de classe económica do seu avião e ficou diante da divisória, sorrindo palidamente para os sessenta e cinco jornalistas que o acompanhavam no *volo papale* de Roma para São Paulo, no Brasil. Ao seu lado, técnicos nervosos da Rádio Vaticano seguravam num microfone, esperando que tivessem feito as ligações certas após quarenta e cinco minutos de atrapalhão com altifalantes, tomadas e fios. Bento, que não era pessoa para ficar por ali sem fazer nada, lançou-se num comentário de improviso sobre o propósito da sua viagem e o futuro do Cristianismo na América Latina. O microfone por fim funcionou, para alívio dos técnicos, e a primeira conferência de imprensa do papa nos ares estava em curso.

Eu estava no que deveria ter sido um lugar bastante bom, a cerca de três metros do papa, do lado direito do avião. Mas agora reparava que o sistema eletroacústico estava instalado na ala esquerda do avião, o que significava que o microfone não iria nunca chegar ao meu lado para colocar perguntas. Além do mais, o Vaticano reservara as três primeiras filas de lugares sentados para fotógrafos — era um procedimento bastante usual naquelas viagens favorecer a televisão e o pessoal das fotografias em desfavor dos jornalistas da imprensa. Pelo que, mesmo do meu poleiro privilegiado, uma

selva de câmaras obscurecia a minha visão e tinha sobre o rosto aqueles microfones peludos de captação de som à distância. Senti carne a comprimir-se por trás de mim: uma correspondente de imprensa brasileira trepara pelas minhas costas para obter melhor visão. Baixando os olhos para o meu lugar, vi que um dos saltos dos seus sapatos estava firmemente plantado sobre a parte de cima do meu portátil.

Puxei-a pela manga.

— Isso aí é o meu computador. — Ela moveu o pé para a almofada do assento ao mesmo tempo que enterrava fundamentalmente um cotovelo no meu ombro.

Era uma manhã de quarta-feira em maio de 2007, e para aqueles de nós que estávamos no *volo papale*, o dia de trabalho já começara havia quatro horas. Começara com um *check-in* madrugador, sumo de laranja de cortesia na sala VIP e — o ingrediente mais característico das viagens papais — longos períodos de espera. O *volo papale* transporta, geralmente, sessenta ou setenta repórteres internacionais, incluindo sete ou oito americanos habituais. Deveríamos sentir-nos privilegiados, uma vez que os pedidos são habitualmente mais do que os lugares disponíveis, e porque somos, afinal, considerados parte do grupo do papa. Em teoria, isso deveria significar um acesso mais próximo ao papa durante toda a viagem. Eram-nos previamente dadas cópias dos discursos do papa em várias línguas, viajávamos com escolta policial para os eventos papais e muitas vezes gozávamos de um lugar especial na secção do «Voo Papal» nos centros de imprensa anfitriões. Dir-se-ia que somos mimados. Mas também somos controlados de perto, de formas que na verdade tornam mais difícil fazer a cobertura do papa.

Enquanto esperávamos no acesso de embarque no jato papal da Alitalia, uma figura barbada surgiu e olhou-nos com ar invejoso. Exibia, na sua mão direita, uma pequena pasta vermelha.

— Olá, Vik. Trouxeste a harmónica? — perguntei eu, indicando a caixa.

Em silêncio, abriu-a para mostrar uma provisão de correntes. Depois, retomou a sua deambulação.

Vik van Brantegem é a pessoa do Vaticano que nos dirige nestas viagens, um leigo belga cuja mentalidade estritamente subordinada às regras é lendária entre os repórteres no Vaticano. Tinha um sorriso no rosto, mas não era o sorriso animado dos inícios de viagem. Era um sorriso sardónico que dizia: *Como é que pensas que te vais safar com isso?*

Centrou a sua atenção em Greg Burke, comentador da Fox News.

— A fita azul. Fora.

Burke ficou perplexo.

Van Brantegem fez passar pela cabeça de Burke a faixa azul que segurava o seu cartão de imprensa. Retirou uma corrente da pasta e depositou-a

na mão de Burke. Depois afastou-se, abanando a cabeça perante a nossa ignorância. A fita azul exibia as palavras «Santa Sé» e fora entregue pelo Vaticano. Mas — e Vik estava espantado com a frequência com que tinha de explicar isto aos repórteres do *volò papale* —, nas viagens papais, a fita não servia, porque os cartões de imprensa locais foram concebidos para serem enfiados em correntes, não em fitas. Mesmo as correntes, como van Brantegem bem sabia, poderiam ser problemáticas nas mãos de jornalistas de espírito embotado. Quantas vezes observara ele repórteres que punham os cartões para trás, ou os deixavam acumular-se num escorregadio laço de plástico, ou os prendiam apenas num buraco em vez de em dois? Neste último ponto, van Brantegem teve, por fim, de pôr tudo isso por escrito: «Pede-se aos jornalistas para levantarem a corrente fornecida pelo gabinete de imprensa da Santa Sé e de o passarem pelos dois buracos do cartão de imprensa local. Para não criar confusão nos controlos de segurança e para não deformar a bolsa de plástico, pede-se aos jornalistas para não colarem na bolsa coisas que não lhe pertençam.»

Esse aviso estava incluso na brochura com o programa detalhado que van Brantegem prepara para os repórteres antes de cada viagem papal. A brochura começou por surgir como uma adenda de duas páginas ao próprio programa do papa, mas ao longo dos anos foi aumentando, transformando-se numa epopeia de pormenores logísticos, trinta ou quarenta páginas de instruções passo a passo sobre quando nos levantamos, quando tomamos o pequeno-almoço, quando e onde recolhemos os discursos, que género de condições climatéricas esperamos, quando fazemos fila para o autocarro, quando entramos no autocarro, onde ficamos quando o papa chega, e até quando reunimos para a missa diária para os jornalistas, que é celebrada no quarto de hotel de van Brantegem (e que tipicamente apenas reúne um ou dois repórteres — o corpo da imprensa aérea não é um grupo notoriamente religioso). A brochura, alcunhada de «Vikipédia» pelo corpo de imprensa, contém diretivas codificadas por cores: o programa do papa é azul, a informação geral é a preto e a movimentação dos jornalistas é vermelho vivo. Uma página inteira, em letra muito miúda, estabelece instruções exaustivas sobre como nos devemos comportar e como não nos devemos comportar nos eventos papais.

Um desporto cruel praticado entre os veteranos do *volò papale* é encorajar um novato com uma dúvida ou uma queixa sobre o programa a ir pedir uma explicação a van Brantegem.

— Pergunta ao Vik — dirá alguém, e ficamos para trás para ver o divertimento começar. Quase se pode ver a bílis flamenga subir à garganta

de van Brantegem. Segue-se inevitavelmente o chicoteamento verbal do repórter; a resposta de Vik começa sempre pelas palavras: «Está no livro». E está sempre.

Atolado neste reino da minúcia, a maior parte dos repórteres vive as viagens papais como um infinito ritual logístico, no qual o próprio papa raramente está, se alguma vez está, fisicamente presente. As oportunidades de reportagem de muitas das aparições do papa são muito reduzidas, apenas cinco ou dez jornalistas, e por norma não oferecem mais do que um breve relance do pontífice quando entra numa igreja, num estádio ou num palácio presidencial. Como consequência, quase todos os jornalistas no *volo papale* cobrem os eventos papais a partir dos centros de imprensa, onde os podem ver na televisão. Para que nós, Americanos, não nos acomodemos demasiado às salas de imprensa, temo-nos imposto uma regra não oficial: temos de ver o papa com os nossos próprios olhos pelo menos uma vez durante cada viagem. Assim, quando o Papa Bento foi para a sua conferência de imprensa de voo sobre o deserto do Saara, o compartimento da classe económica zumbiu de excitação. Para aquilo é que as nossas empresas nos pagavam bom dinheiro — acesso ao homem de branco. Era então que a nossa especialização como *vaticanisti* compensava, submetendo o pontífice a perguntas duras e interpretando as suas respostas não ensaiadas. Era então que observávamos o papa de perto e o medíamos. Era então que o *volo papale* tinha algum significado.

E tinham-nos dito que aquela conferência de imprensa seria a verdadeira conferência de imprensa: um encontro muito abrangente com os jornalistas para responder a tudo. Em viagens anteriores, o Papa Bento respondera a poucas questões simbólicas antes de levantar voo e voltara rapidamente para a dianteira do avião, deixando muitos de nós com nostalgia dos tempos em que João Paulo II satisfaria as nossas questões, longamente, vagueando pelas coxias, mesmo durante os períodos de turbulência. Bento parecia ser do género de gostar de manter o cinto apertado.

Mas, agora, ali estava Bento, sorrindo e falando a cem à hora num italiano perfeitamente fluente, embora espartilhado pelo sotaque alemão. Uma primeira pergunta sobre a violência no Brasil foi seguida de outra que chamou a atenção de toda a gente: que pensava o papa da recente descriminalização do aborto, no México? Apoiava os bispos mexicanos na excomunhão dos legisladores católicos que tinham aprovado aquela lei?

O papa respondeu à primeira parte da questão, falando sobre o valor e a beleza da vida humana, e ignorou a segunda parte. Mas, uns segundos depois, Marco Politi, um jornalista veterano do diário romano *La Repubblica*, pressionou, voltando à questão: concorda com a excomunhão dos legisladores mexicanos na questão do aborto?



Dessa vez o papa avançou a direito para o pântano:

— Sim, esta excomunhão não foi algo arbitrário, mas algo previsto no Código do Direito Canónico. Faz simplesmente parte da lei da Igreja que matar um bebé inocente é incompatível com estar em comunhão com o Corpo de Cristo. Assim, os bispos não fizeram nada de novo, nem de surpreendente ou arbitrário.

Bento continuou a falar durante vinte minutos, mas alguns dos repórteres das maiores agências já estavam a teclar furiosamente nos seus portáteis. Tinham ouvido as palavras mágicas: «aborto» e «excomunhão». A manchete do artigo era simples: «Papa apoia a excomunhão dos políticos pró-aborto», e em breve ela estaria a circular.

Mal o papa se retirara para o seu lugar, na primeira classe, quando o Padre Jesuíta Federico Lombardi, o porta-voz do Vaticano, regressou e tentou fazer girar a história numa direção inteiramente diferente. A pergunta do jornalista, disse-nos ele, fora baseada numa falsa premissa, porque os legisladores mexicanos não tinham, de facto, sido excomungados pelos seus bispos.

— E se os bispos não excomungaram ninguém, não é o papa que o quer fazer — disse Lombardi.

Mas Lombardi, um espírito suave com uma mente aguda, estava a vender uma coisa aos jornalistas que estes não estavam interessados em comprar. Em anos passados, pedalar para trás sobre um deslize verbal do papa era fácil, porque, muito simplesmente, os jornalistas não podiam enviar os seus artigos até o avião aterrar, várias horas depois. Mas o Alitalia 777 estava equipado com telefones e o génio já saíra da garrafa.

— Não vou utilizar isto. Arruína a história toda — disse um jornalista americano depois de ouvir a manipulação de Lombardi.

Quando o pessoal de cabina do voo da Alitalia começou a passar com o almoço (lasanha com alcachofras e menta, rodovalho com amêndoas e azeitonas *taggiasca*), começaram a irromper acesos debates entre os jornalistas. Vários de nós sabiam que o direito canónico, o código legal interno da Igreja, estipulava a excomunhão para todos os diretamente envolvidos num aborto, não para os legisladores que pudessem ter ajudado a torná-lo possível. Certamente que o Papa Bento, que fora o responsável pela doutrina mais importante do Vaticano ao longo de vinte e quatro anos, estava consciente disso. Devia ter conhecimento de que os juristas do Vaticano considerariam a excomunhão automática de políticos pró-aborto um desvio — um abuso — do direito canónico.

Enquanto a sobremesa era servida (*crostata* de framboesas miniatura e *bavaroise* de chocolate branco), o Padre Lombardi regressou com mais munições: o papa não dissera que os políticos pró-aborto tinham sido excomungados, mas sim que as suas ações os excluía da Eucaristia. Por

outras palavras, que não deveriam participar da Comunhão. Isto, claro, era bastante diferente de serem excomungados. Presentindo talvez o ceticismo jornalístico, Lombardi acrescentou que fora «autorizado» a fazer aquela clarificação — por outras palavras, era algo vindo do papa. Os repórteres de serviço puseram com relutância de parte a *bavaroise* e puxaram os seus portáteis. A história estava agora oficialmente confundida.

Entretanto, alguém da Secretaria de Estado estava já de borracha na mão para apagar as observações do papa. Quando a transcrição oficial da conferência de imprensa foi publicada, vimos que fora neutralizada: a primeira palavra do papa, «sim», resposta direta à pergunta sobre excomunhão, desaparecera, como todas as referências específicas dos bispos mexicanos. A declaração do papa acerca de os políticos pró-aborto não estarem em comunhão com a Igreja foi alterada para referir a sua «não participação na Comunhão, na qual se recebe o Corpo de Cristo».

Fazer a edição dos comentários extemporâneos do Papa Bento fora uma prática comum desde o primeiríssimo dia do seu pontificado. Os responsáveis do Vaticano justificavam isso com o facto de o italiano do papa precisar de alguma limpeza, e que uma frase imprecisa ou menos elegante deveria ser rapidamente emendada. A ideia de um burocrata de terceira ordem apurar a linguagem do Papa Bento poderá parecer estranha, mas reflete a convicção profundamente entranhada de que as palavras reais que um papa pronuncia não são definitivas até que a «versão oficial» seja publicada. Habitualmente, a edição era meramente entediante, mas neste caso era uma tentativa de reescrever a realidade.

Quando aterrámos em São Paulo, mais de doze horas depois de termos entrado no avião, os repórteres perguntavam-se como é que aquele papa, com a reputação de ser o espírito mais agudo do Vaticano, poderia atrapalhar-se tanto com um tema que seguira tão de perto. Talvez se tivesse apenas expressado mal, ou talvez tivesse autorizado os seus assessores a abrandar o tom do seu aviso aos políticos católicos. Qualquer que fosse o caso, parecia estranho. E também não fez com que o corpo de imprensa do Vaticano parecesse assim tão bom. Para os nossos editores, deve ter parecido que nós estivéramos a fazer a adivinhação — talvez errada — do que o papa queria dizer.

Quando formávamos fila para desembarcar, Victor Simpson, jornalista da Associated Press que voava com papas havia mais de trinta anos, virou-se para mim e observou com uma gargalhada irónica:

— Acho que esta pode ser a última vez que o Papa Bento se encontra com a imprensa.

Poucos minutos depois, van Brantegem, agitando os braços, arrebanhava-nos para um hangar mal iluminado para uma cerimónia de boas-vindas. A partir do lugar onde estávamos, o papa era uma figura distante numa

plataforma, ao lado do barbado presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva. O papa logo desapareceu no interior do papamóvel, no meio de uma coluna motorizada. Nós fomos levados para um autocarro.

— Despachem-se — disse van Brantegem a alguns retardatários, olhando para o relógio.

Alguém perguntou se o autocarro parava, ou não, em primeiro lugar no hotel ou no centro de imprensa. Van Brantegem nem sequer levantou os olhos.

— Está no livro.

Quando conto a amigos e familiares, de volta ao Minnesota natal, que viajo no avião do papa, a expressão dos seus rostos é inevitavelmente de «Que fixe que isso é!», relativamente à minha suposta familiaridade com o chefe da Igreja Católica. A assunção, sem dúvida partilhada pelos meus editores, que pagam quantias escandalosas pelo meu lugar no *volo papale*, é a de que nós formamos um santo-dos-santos jornalístico que está colado ao pontífice em todas as suas peregrinações. Nas suas cabeças, nós somos aqueles que podem ler a sua linguagem corporal quando se encontra com um primeiro-ministro no seu gabinete. Somos aqueles que apanham os improvisos papais quando ele se prepara para entrar numa mesquita. E somos aqueles que o ouvem a conversar com os seus assessores quando salta para o papamóvel. Qualquer pessoa pode ver o papa na televisão ou nos vídeos da Internet, mas nós somos aqueles que sabem realmente o que se passa, porque estamos lá — lá mesmo, fora da imagem, como a própria sombra do papa.

Uma das grandes ironias de viajar com o papa é que, devido às dificuldades práticas de nos transportar de e para os locais onde aparece, somos muitas vezes as únicas pessoas que *não conseguem vê-lo*.

Em setembro de 2007 demos por nós no interior de mais um hangar mal iluminado para ver o Papa Bento discursar, desta vez em Viena. Ele estava num estrado, no fim de um longo tapete vermelho ladeado de soldados austríacos. Lá fora, estava frio e chovia imenso. Do aeroporto, o papa iria diretamente para a praça principal de Viena, apinhada de gente, onde rezaria diante de uma estátua de Maria, indo depois visitar um memorial do Holocausto. Aqueles eram os eventos que seriam as notícias do dia, e o nosso programa era já apertado. O livro de van Brantegem mandava os jornalistas irem para um autocarro antes de o papa deixar o aeroporto, mas quando vi o pontífice desaparecer pela porta do hangar, percebi que isso não ia acontecer. Parecia que o nosso autocarro não se encontrava em lado nenhum.

Amontoámo-nos junto da porta do hangar e começámos a ficar preocupados. A menos que partíssemos muito em breve, perderíamos as duas

aparições papais daquele dia. Olhei em redor: nem sequer havia uma televisão no hangar. Estávamos completamente isolados. Cheirou-me a desastre.

Um jovem austríaco acenava com as mãos.

— Atenção! Bem-vindos à Áustria! Estamos a tentar encontrar o vosso autocarro para vos levar ao centro de imprensa, pelo que vos pedimos paciência.

Isto foi recebido com uns quantos resmungos e muita indiferença.

Pensar-se-ia que levar jornalistas de um aeroporto para um evento papal seria um assunto bastante simples. Mas a história das visitas papais está cheia de falsas partidas, veículos fora do lugar e horas perdidas. Muitas vezes, deve-se ao próprio empenho do país anfitrião. Na Zâmbia, onde o governo reformou o aeroporto em termos de segurança antes de o papa chegar, o miniautocarro de imprensa ficou pendurado numa enorme colisão e permaneceu num para-arranca enquanto a escolta do papa acelerava para longe. No Azerbaijão, o governo colocou-nos num autocarro recentemente adquirido, grande de mais, que logo ficou sem tejadilho na primeira passagem inferior depois de deixar o aeroporto; o condutor continuou a toda a velocidade, pensando que era um ataque terrorista.

Na Áustria, felizmente, os nossos autocarros acabaram por aparecer. Um dos veículos levou uma pequena *reporting pool*<sup>3</sup> para a praça, sobretudo gente das televisões, para que pudessem ver o papa ao vivo. O resto de nós deveria ser enxotado para o centro de imprensa para seguirmos o evento pelos monitores. Com alguma sorte, conseguiríamos chegar a tempo, e tivemos direito a escolta policial para garantir uma viagem rápida. Mas assim que chegámos à autoestrada, o carro da polícia descolou de nós e desapareceu para sempre da nossa vista.

Meia hora depois, o nosso autocarro estava preso no trânsito do centro de Viena. Passaram cinco minutos. Dez minutos. Continuávamos parados. Entretanto, o papa estava a chegar ao centro da cidade. Nessa altura, alguns de nós viraram-se para o que eu chamo a «solução *Telepace*». A *Telepace* é uma pequena estação de televisão católica, italiana, que cobre em direto as viagens papais, comentadas por um padre de voz xaroposa chamado Don Guido. Liguei do autocarro para o nosso escritório em Roma e pedi à minha colega do CNS, Carol Glatz, para ligar a *Telepace* e dizer-me o que estava a acontecer. Carol descreveu o cenário com todos os pormenores, até ao ponto de referir impermeáveis amarelos usados pelos jovens que pulavam e aclamavam o papa na Praça Am Hof.

---

<sup>3</sup> Grupo restrito de profissionais (repórteres, fotógrafos, operadores de câmara, etc.) seleccionados para assegurar a cobertura mediática de certos eventos ou operações e que depois passam a informação a todos os outros. [N. de T.]

— Estão encharcados, os pobres miúdos. Chove a cântaros — disse Carol.

Apontei tudo no meu caderno de notas.

— Ei, o papa parou de falar de repente — continuou Carol. — Está apenas ali parado. Passa-se alguma coisa, mas não consigo perceber o quê.

Rangi os dentes e amaldiçoei silenciosamente o autocarro, o trânsito e especialmente os organizadores da viagem. Perguntei a Carol se alguém interrompera o papa. Levaram-no para fora do palco? Era a chuva?

— Não, estão apenas ali parados. O Cardeal Schönborn está a sorrir, por isso não pode ser assim tão mau.

Alguém telefonou para o grupo que estava no evento. Por essa altura já deveria estar junto do Papa Bento e poderia dizer-nos qual era o problema. Mas tinham sido retirados da praça e estavam, longe do papa, inutilmente à chuva. Isso, de algum modo, não nos surpreendeu.

Os meus colegas de autocarro começaram a fazer chamadas para os respetivos escritórios em Roma, ou para as respetivas esposas ou filhos, em casa.

— Sintonizem a *Telepace* — disseram eles.

Afinal, o microfone do papa emudecera, deixando-o a tentar comunicar com a multidão de jovens por gestos — o que não era o seu forte. Em breve, desistiu.

Entretanto, o nosso autocarro permanecia imóvel. Perguntei à nossa assistente austríaca o que se poderia fazer.

— Nada. Normalmente, isto não é assim tão mau, mas hoje o papa está aqui — explicou ela, diligentemente.

— Podemos ir a pé? — perguntei eu.

Ela ponderou por alguns segundos e depois saltou para a ação, anunciando pelo intercomunicador que desembarcaríamos para apanhar o metro. O metro? Isso seria inédito para o «pessoal do *volo papale*». Saímos todos do autocarro e acotovelámo-nos no meio da chuva até à paragem do metro mais próxima. A nossa assistente, segurando o seu guarda-chuva amarelo bem acima da cabeça, conduziu-nos por entre o tráfego de peões como uma guia de alunos da escola numa viagem pelo meio da cidade.

O metropolitano surgiu alguns minutos depois, e cinquenta e cinco jornalistas do Vaticano, com os cartões de imprensa do *volo papale* suspensos do pescoço, entraram na carruagem. Dez minutos depois, chegámos ao centro de imprensa, instalado numa ala do Palácio Hofburg. Quando passámos pelos detetores de metal e entrámos na zona de trabalho, o papa estava a dar por encerrados os eventos exteriores. Vimo-lo regressar ao papamóvel e afastar-se. Sentámo-nos, então, para escrever o relato em primeira mão do primeiro dia de Bento na Áustria.

...

Não estar lá é, na realidade, uma grande parte das viagens papais.

Sob a programação de van Brantegem, as *reporting pools* incluem com frequência apenas uma equipa de televisão, um par de fotógrafos e dois ou três jornalistas da imprensa escrita. A explicação é que o espaço é reduzido; a verdadeira razão é que é mais simples lidar com dez repórteres do que com vinte ou trinta. Usualmente, a mesma equipa tem de cobrir uma sucessão de eventos papais, pelo que saltitamos de um ponto para outro. Quando o papa chega a um lugar, estamos nós muitas vezes a apanhar um miniautocarro para o local seguinte. Não há, normalmente, quaisquer reportagens porque, claro, não testemunhámos praticamente nada, enquanto o resto dos nossos colegas viram tudo pela televisão no centro de imprensa.

Alguns eventos, como as missas papais no exterior, são abertos a todos, mas, mesmo nesses eventos, é pouco vantajoso estar fisicamente presente. Os repórteres são usualmente guiados até uma secção de imprensa, algures longe do altar, e é-lhes dito para não saírem dali; não há muitas hipóteses de entrevista, a menos que se entrevistem pessoas que estejam a trabalhar na missa, ou voluntários de primeiros socorros e outros repórteres. Tento sempre escapar-me por alguns minutos para me misturar com a multidão e falar com as pessoas, e pago sempre por isso quando os olhos acutilantes de van Brantegem dão por mim a regressar ao curral, apertando o meu caderno de apontamentos cheio de citações ilicitamente conquistadas.

Na primeira visita do Papa Bento à Alemanha, em 2005, consegui escapar do galinheiro da imprensa e falar realmente com jovens no encontro do Dia Mundial da Juventude. Quando regressava, discretamente, van Brantegem estava à minha espera. Preparei-me.

— Quem disse que poderia andar por aí? — disse van Brantegem fulminando-me com o olhar.

Encolhi os ombros e fiz ar de arrependimento. Mas Vik estava apenas a aquecer os motores.

— Vocês são como as crianças. Açam que não há razões para estas regras. Aqui, têm um lugar junto do altar. Contudo, não é suficientemente bom? Não me interessa. Acha que é fácil encontrar lugar para jornalistas junto do altar? Mas não, têm de ir a algum outro sítio. Não é profissional. Acha que estas pessoas da segurança os querem a andar por aí? Agem como crianças num piquenique. Ótimo, nesse caso serão tratados dessa forma.

Foi um ralhete relativamente suave, digamos, 3.2 na escala de Viktor. O seu rosto corara, mas as veias da testa nem sequer pulsaram. Ao canto da boca, tinha apenas o vestígio de um sorriso. É por isso que todos adoramos Vik.

Dadas as limitações que nos são impostas, não é surpreendente que muitos repórteres nos *voli papali* pura e simplesmente fiquem longe dos

encontros papais, nunca saindo do centro de imprensa. Mas, por vezes, está a ser feita História e temos de lá estar. Ou pelo menos tentar.

Em 2001, numa viagem à Síria, estava previsto que o Papa João Paulo visitasse uma velha mesquita omíada no centro de Damasco. Era a primeira vez que o papa parava num local de culto islâmico, e eu tive a sorte de ser um dos poucos repórteres com lugar na equipa. Iria testemunhar, pessoalmente, mais um marco do diálogo inter-religioso.

Era uma tarde de domingo e o livro de instruções de van Brantegem indicava que deveríamos formar uma fila para os passes de imprensa no átrio do Sheraton em Damasco às três e quarenta e cinco da tarde. Quando Vik chamava os nossos nomes, avançávamos, um por um, para receber o crachá de plástico para o evento, que ele designara misteriosamente como CE/SI-08. (Nunca conseguimos decifrar o seu sistema de código.) Depois, como um general prestes a enviar as suas tropas para a batalha, Vik caminhou lentamente por entre nós, de mãos atrás das costas, inspecionando a forma como os passes tinham sido presos às correntes. Aparentemente satisfeito, deu ordem para que entrássemos no autocarro.

Chegámos à mesquita duas horas antes do papa, e o primeiro sinal de problema foi dado quando as autoridades locais insistiram para que nos posicionássemos numa praça, fora do edifício. Van Brantegem desapareceu num acesso de fúria, presumivelmente para negociar a nossa entrada. Pouco tempo depois, fomos autorizados a reunirmo-nos à porta da mesquita. Por um momento, pareceu que as autoridades omíadas tinham ficado impressionados pelo nosso estatuto no *volò papale*. Depois, vimos Vik surgir do interior da mesquita e vir na nossa direção. O seu rosto estava sombrio de raiva e um lábio a sangrar. Não, examinando mais de perto, era do nariz que sangrava e tinha um grande inchaço na testa. Acenou para que regressássemos ao nosso lugar na praça. Ocorrera, claramente, algum desastre.

Embora os detalhes só tivessem emergido mais tarde, van Brantegem tivera uma discussão com o pessoal da segurança omíada. A ideia de Vik a lutar pelos nossos direitos jornalísticos era comovente, mas de facto o incidente centrara-se num outro assunto. Van Brantegem vira os guardas da mesquita recusarem a entrada ao Cardeal Walter Kasper, o principal responsável ecuménico do Vaticano. Preocupado pelo facto de a honra do Vaticano estar a ser manchada, van Brantegem correu atrás deles insistindo para que o cardeal fosse autorizado a entrar. Inadvertidamente ou não, um dos guardas bateu — literalmente — com a porta na cara de Vik, e agora todo ele sangrava sobre aquele momento de harmonia inter-religiosa.

O corpo de imprensa do Vaticano murmurou excitadamente acerca do nariz sangrento de van Brantegem, que parecia poder estar partido. Mas

nada disto ajudou a nossa causa. Fiquei junto do correspondente da CNN, Jim Bittermann, que abanava a cabeça.

— Isto não está nada bom — disse ele. Olhámos em volta da praça à procura de um monitor de televisão, mas não vimos nenhum. Não bastando isso, os nossos telemóveis não estavam a apanhar sinal.

— Vamos dar uma volta — sugeriu Bittermann.

Afastámo-nos furtivamente da mesquita e descemos uma poeirenta rua lateral da cidade velha. Aí, comprimida no rés-do-chão de um prédio de apartamentos, havia uma loja de artigos domésticos. Olhámos para dentro e vimos o proprietário, um homem novo, bebericando chá junto da caixa registadora, no meio da loja. Acima dele havia um televisor a preto e branco, sintonizado no que parecia ser uma telenovela síria.

Jim olhou-me esperançosamente.

— Vale a pena tentar — disse eu.

O dono, Muhammad, falava inglês suficientemente bem para nos fazer sentir muito bem acolhidos na sua loja. Assim que percebeu que éramos jornalistas que seguiam o papa, sintonizou o canal estatal que transmitiria em direto a visita à mesquita e convidou-nos a instalarmo-nos. Sentei-me e puxei do meu caderno de apontamentos. Jim trouxe um gelado em sanduíche do frigorífico da loja. Então viu um telefone ao lado da caixa registadora. Seria possível, perguntou ele, fazer um telefonema rápido para o seu escritório em Londres e dizer-lhes para ligarem de volta? Pagaria a chamada, claro. Sem problema, respondeu Muhammad. Um velho e um dos seus filhos pequenos tinham-se agora juntado a nós. Jim acabou o gelado com uma disposição decididamente melhor. Que mais poderia ele pedir?

Quinze minutos depois, vimos pelo pequeno ecrã do televisor o Papa João Paulo, a coxear e dobrado, tirar os sapatos e calçar um par de chinelos brancos, e arrastar-se para a sala de oração da mesquita do século dezoito, escutando um guia muçulmano. Bittermann, com os olhos colados ao aparelho de televisão, fazia o seu comentário pelo telefone para a emissão da CNN, aventando habilmente perguntas e acrescentando apartes perspicazes sobre a conduta do pontífice enquanto ele atravessava um espaço de culto muçulmano. No sentido mais lato da afirmação, Bittermann estava de facto «com o papa em Damasco». Muhammad, com a loja agora cheia de amigos, estava radiante e cheio de orgulho.

Tudo acabou em vinte minutos, e regressámos ao nosso ponto de reunião fora da mesquita omíada. Os nossos colegas de reportagem, que tinham ficado de fora durante todo o tempo da cerimónia, cortados de toda a ação, estavam a ser arrebanhados por van Brantegem para um autocarro. O seu nariz parara de sangrar, mas demoraria algum tempo até que o inchaço diminuísse.

...



Pouco tempo depois da sua eleição, o Papa Bento anunciou que não viajaria tanto quanto o seu predecessor. Ainda assim, Bento fez dezoito viagens durante os seus primeiros seis anos de pontificado, percebendo talvez que um papa do século vinte e um não pode ficar apenas escondido no Vaticano. Mas, ao passo que João Paulo tirava óbvio prazer das suas longínquas viagens, Bento pareceu meramente aguentá-las, mantendo-se estritamente fiel ao seu programa e evitando quer demoras quer banhos de multidão. Por vezes, parecia um turista meticuloso, eliminando itens da lista de coisas a ver.

Talvez a maior diferença entre os dois pontífices seja a de que João Paulo, durante as suas viagens globais, tinha a consciência permanente de estar no palco do mundo. Quando aterrava num país e beijava o macadame da pista do aeroporto, era como o abrir da cortina de um drama religioso. Em contraste, Bento evitou o ritual de beijar o solo por ser demasiadamente teatral. De facto, como os fotógrafos do *volo papale* rapidamente descobriram, Bento muitas vezes desandava depressa da frente do avião antes de os apressados fotógrafos terem saído junto à traseira, o que significava que perdiam por completo a fotografia da chegada. O papa alemão não estava interessado em assumir um espetáculo mediático, mas em fazer o que tinha a fazer. E o que há a fazer em viagens dessas é o programa de encontros e saudações cerimoniais, discursos e liturgias — nada que fizesse a imprensa salivar.

Uma razão pela qual as viagens de João Paulo eram mais interessantes para os jornalistas era que ele se aventurava para mais longe de Roma, fora do refúgio seguro da Europa, em território missionário. Quando viajava por um país africano, João Paulo era acolhido por dançarinos tribais vestidos de penas, crianças vestidas com farrapos que liam poemas e bandas de adolescentes que tocavam música rock ao longo do percurso da comitiva papal. Bento, por sua vez, era mais provável encontrá-lo numa sala de concertos cheio de dignitários como ele próprio, ouvindo Mozart.

Embarquei no meu primeiro voo papal em 1984, quando o papa viajou para a República Dominicana e Porto Rico. Eram tempos pré-Vik van Brantegem, e ninguém parecia mandar. Um caos genial reinou desde que entrámos a bordo do Alitalia 747. Rudi Frey, fotógrafo da revista *Time*, deambulou pelas coxias e certificou-se de que toda a gente tinha uma taça de champanhe ou um Bloody Mary. Rudi tinha cabelo branco cortado à escovinha, um olhar selvagem e um modo intimidante de oferecer uma bebida.

— Não, obrigado — disse eu a Rudi, quando ele instruiu uma gentil assistente de bordo para me servir uma taça de Krug Grande Cuvée. Eram 7 da manhã.

Mas Rudi pegou na taça de champanhe, estendeu-ma e ficou por perto para se certificar de que eu a bebia. Depois pediu mais um Bloody Mary

para si próprio. Bem antes de levantar voo, metade do avião estava medianamente alegre.

Os assistentes de voo em breve estavam atarefados a distribuir presentes atrás de presentes — sacos de marca, perfumes e caixas de cigarros. O avião era enorme e cada um de nós tinha uma fila de cadeiras para si. Infelizmente, eu desenvolvera um imenso medo de voar, e mesmo com os refrescos tonificantes de Rudi, aquele dia representaria onze horas de terror privado. Instalei-me e engoli um betabloqueador, esperando que ele me ajudasse a acalmar os nervos, juntamente com Roy Orbison no meu Walkman. Quando começámos a atravessar o Atlântico, entregaram-nos dois textos que o papa lería, mais tarde, nesse dia, em Santo Domingo: o discurso de chegada e o sermão da missa. Examinámo-los rapidamente, circulando um parágrafo que falava de injustiça e opressão e um outro que parecia ser uma ironia contra a teologia da libertação. Todos puxámos das nossas máquinas de escrever portáteis e começámos a martelar, esboçando grandes pedaços dos nossos artigos. Depois arrumámos as máquinas de escrever e Rudi deu-nos mais bebidas.

Quando nos aproximámos de Santo Domingo, os nós dos dedos aliviaram a pressão nos braços da cadeira, e o alívio começou a gotejar na minha corrente sanguínea. Quando diminuámos a altitude, olhei pela janela e vi uma multidão aclamadora lá em baixo, no solo, enxameando junto do terminal. Quando o avião se aproximou desajeitadamente do solo, oscilando de uma asa para a outra, os motores de súbito aceleraram. Subimos com um rugido, num esforço contra a gravidade, voltando a ascender no céu. Estupefacto, olhei em redor da nave e vi alguns dos meus colegas a rirem. Parece que os Latino-Americanos adoram ver quando o avião do papa faz uma passagem baixa sobre a multidão, zumbindo sobre ela antes de aterrar. Respirei fundo. Nessa altura estávamos de novo a voar em círculo para a verdadeira aterragem, que se verificou com um baque anticlímax. Puxei do meu caderno de apontamentos e escrevi: «O papa sabe como dar espetáculo.»

Vários meses depois, encontrei-me a bordo do *volo papale* para a Índia. Nessa altura, aumentara a minha dose de betabloqueadores e acrescentara Don Williams, o «Terno Gigante» da música country, à minha lista de canções de voo. Aterrámos em Nova Deli sem o voo rasante e sem a multidão aclamadora; pouca gente ali parecia, de facto, interessada na visita do papa.

Para o corpo de imprensa, a Índia era uma semana de chamadas de despertar antes de amanhecer e de punição burocrática. Os Indianos estavam apaixonados pelos formulários em duplicado, carimbos e filas de

espera, rolando a cabeça de modo curioso quando se lhes fazia uma pergunta de sim-ou-não. Se nos queixássemos, prometiam «tratamento VIP» e desapareciam. Enviar artigos era um pesadelo; os operadores de telex indianos deveriam submeter o nosso exemplar datilografado, mas perdiam constantemente páginas e misturavam-nas. A sala de telex parecia uma cena tirada de um filme dos Irmãos Marx. Após quarenta e oito horas, estávamos exaustos, e eu sentia a minha vaga, mas profundamente instalada, simpatia pelo Terceiro Mundo ser substituída por pura irritação.

No terceiro dia, voámos para Calcutá e tivemos de correr do aeroporto para o autocarro que nos esperava. Quando saíamos do terminal, quase tropecei no que se revelou um ser humano que pedia esmola numa curva. Não tinha antebraços e as pernas estavam cortadas pelos joelhos, mas consegui arrastar o tronco rapidamente até ao outro lado da rua, saindo do caminho do corpo de imprensa em debandada. Dali, fomos diretamente para o lar de Madre Teresa para moribundos, no superpovoado bairro de Kalighat. O fedor dos esgotos a céu aberto pairou ao longo do percurso do autocarro. Na berma da estrada, havia gente a fazer pequenas bolas de esterco que depois de secas serviam de combustível. Outros chapinhavam no largo rio Hugli para lavarem e baterem as roupas. O nosso autocarro buzinava furiosamente através do tráfego denso, passando por cartazes que prestavam tributo à visita mais importante da cidade: «Alegres Boas-Vindas a S. S. João Paulo — Polar, Empresa de Ventoinhas».

Quando chegámos às duas salas que constituíam o centro, fiquei a observar na obscuridade quando Madre Teresa levou o papa a cumprimentar os homens e mulheres residentes. A maioria deles não era capaz de se levantar dos colchões diretamente sobre o chão. Madre Teresa passou ao papa pratos de doce de requeijão para dar a cada um deles, dirigindo secamente os seus movimentos. Uma mulher começou a gritar em bengali, e o papa quis saber o que ela estava a dizer. «Ela diz, “estou sozinha, estou sozinha, volte outra vez”» disse-lhe Madre Teresa, levando-o vivamente até à cama seguinte. Junto da entrada havia um quadro preto na parede com o relatório do dia: «3 de fev., 1986: Entrados 2, Dispensados 0, Mortos 4. Fazemos isto por Jesus». Alguns minutos depois, o papa emergiu na rua apinhada e ficou sobre uma plataforma, enquanto a multidão empurrava de todos os lados. Fez subir Madre Teresa para que fizesse uma vénia.

— Este é o dia mais feliz da minha vida — disse ela, radiante como uma menina de escola.

No dia seguinte um grumete do hotel começou a bater à minha porta às três da manhã. Era tempo de ir para o Aeroporto Dum Dum de Calcutá para um voo para Shillong, na ponta nordeste da Índia. Voámos num Fokker com propulsão a hélice, e eu estava demasiadamente exausto para

sentir angústia, por mais pequena que fosse. O avião era minúsculo, e apenas uns quantos colegas faziam a viagem; o resto estava ainda a dormir no hotel. Aterrámos, e, quando o Sol nasceu, o nosso autocarro abria caminho pelas colinas próximas de Shillong, onde gente com feições chinesas se movimentava em redor das suas cabanas. Por mais incongruente que pareça, a missa do papa teve lugar no «Golf Links», um campo construído pelos Britânicos durante o período colonial. Chegámos cedo, e eu inspecionei a multidão que se juntara numa grande extensão coberta de relva. Uma vez que eu não falava khasi, a língua indígena, encontrei um nativo que ficou encantado por me acompanhar e servir de intérprete.

Em frente do altar papal estava um grupo de homens tatuados, usando vestes tribais e transportando espadas compridas e afiadas. Aquilo parecia a sorte grande de qualquer jornalista. Na verdade, como o meu tradutor em breve descobriu, eram caçadores de cabeças Naga, ou melhor, antigos caçadores de cabeças, uma vez que se tinham convertido ao Cristianismo havia mais de uma década. Falei com o chefe do contingente, um homem forte que usava presas de javali selvagem na testa e cinco pequeníssimas cabeças de metal sobre o peito. Desembainhou o seu machete e mostrou o gume aguçado.

— Agora só o uso para tirar o escalpe a macacos — disse ele, com um pouco de nostalgia na voz. As pequenas cabeças de metal eram, afinal, recordações simbólicas da sua última grande incursão de caça, em que matara cinco homens de uma tribo rival e levava as respetivas cabeças para a sua aldeia.

Porque se convertera ele ao Cristianismo?, perguntei eu. Ele encolheu os ombros.

— Toda a gente em Nagaland estava a ficar cristã.

Durante a liturgia, um papa divertido observou os ex-caçadores de cabeças executarem danças tradicionais. Nada ali sugeria violência ou destreza no manejo da espada; em vez disso, fizeram alguns números de domador, como o do voo do pica-pau lendário.

A estada do papa na Índia durou dez dias inacreditáveis. Para os jornalistas privados de sono, pareceu que nunca mais acabava. Cruzámos o subcontinente, até Madrastra na costa leste, passando por Goa, a ocidente, terminando em Bombaim. Após um último dia de intermináveis eventos papais, chegámos ao aeroporto para o nosso voo noturno para casa e descobrimos que havia um problema: estavam previstos ventos fortes no Médio Oriente, o que significava que o Boing 707 da Air India em que o papa viajava teria de ser abastecido na sua máxima capacidade. Em consequência disso, fomos informados de que os presentes do papa e a bagagem dos repórteres iam ficar para trás. Quando embarcámos, descobrimos

que a secção económica era muito pequena e que todos os lugares estariam preenchidos — o que dificilmente constituía o «tratamento VIP» a que os jornalistas do *volo papale* estavam habituados. Iriam ser nove longas e apertadas horas. Um repórter da televisão estatal italiana, RAI, ficou cabisbaixo por saber que não poderia levar para bordo uma lembrança que transportava com ele desde o segundo dia da viagem, um *sitar* com mais de um metro de comprimento. Entretanto, disseram-nos que ficara mau tempo em Itália e que um raro nevão cobria Roma. Recostei-me no meu assento e, apesar da fadiga, senti a adrenalina começar a subir. Suspeitei que iria ser preciso mais do que betabloqueadores e Don Williams para me aguentarem ao longo daquele voo.

O papa regressou logo depois de levantar voo, parecendo tão completamente irritado como o resto de nós. Tentou caminhar pela coxia única ao centro, mas não conseguiu chegar muito longe nas instalações cheias de gente. Vi o rosto do pontífice obscurecer-se quando lhe fizeram uma pergunta sobre o crescimento demográfico na Índia e o ensinamento da Igreja em matéria de contraceção. O papa não gostou da questão e começou a erguer o dedo para pontuar as suas observações. Em breve regressou ao seu lugar na primeira classe, quando o carrinho das bebidas foi posto em movimento.

Muitas horas depois, acordei no avião escurecido. Estava toda a gente a dormir, mas reconheci um responsável do Vaticano tentando avançar lentamente pela coxia. Inclinou-se para mim e disse-me, *sotto voce*, «Vamos aterrar em Nápoles», e depois desapareceu sem mais explicação. Olhei pela janela e vi abaixo de nós o contorno curvo de uma montanha, e depois um fundo buraco negro. Voávamos mesmo por cima do Monte Vesúvio, a muito baixa altitude. Estava bastante seguro sobre o facto de que não deveríamos sobrevoar um vulcão ativo, e contabilizei mentalmente uma falta em termos de segurança ao nosso piloto da Air India. Mas soube depois que o piloto nos salvara, talvez, a todos do desastre. Enquanto dormíamos, o avião voara em círculo sobre Roma, em vão, antes de os controladores aéreos italianos anunciarem por fim que todas as pistas tinham neve e instruírem o piloto para rumar a Pisa. Porém, o piloto, avisadamente, olhou para o seu indicador de combustível e percebeu que o avião não conseguiria lá chegar. Optou por virar para sul e tomou a rota mais direta para Nápoles, onde depois aterrámos. Estava a nevar lá, também. Mas estávamos em terra.

E então, num dos finais de viagem papal mais bizarros, fomos transportados de autocarro para a estação de comboio de Nápoles. Eram três da manhã, e o Vaticano decidira pôr o papa e o resto da comitiva num *treno papale* de duas carruagens para Roma. A estação de comboios de Nápoles

estava quase deserta àquela hora, mas diversos vagabundos de olhos turvos mexeram-se sobre os bancos e observaram, incrédulos, enquanto João Paulo, vestido de branco, passava por eles, seguido do seu séquito e de um grupo desfigurado de jornalistas.

Pelo canto do olho, vi Phil Pullella deslizar para dentro da única cabina telefónica da plataforma. Estávamos na era pré-telemóvel, e Pullella levava habitualmente com ele, na pasta, um rolo de *gettoni*, fichas para usar em telefones de moedas. Alimentou furiosamente o telefone enquanto tentava ditar rapidamente uma notícia para o escritório da Reuters em Roma ou Londres. O que me surpreendeu foi que nenhum dos repórteres da agência de notícias italiana se apressava a encontrar um telefone. Depois ouvi um deles, Federico Mandillo, da ANSA, gritar na direção de Pullella: «Tínhamos um acordo!» Aparentemente, os italianos exaustos tinham concordado em que nenhuma das agências enviaria notícias sobre o dramático desvio do papa antes de chegarem a Roma. Pullella não quis, claro, tomar parte nesse compromisso e agora estava a arranjar um furo jornalístico. Parecia respirar excessivamente depressa enquanto lia os seus apontamentos para o bocal, continuando a alimentar o telefone com *gettoni*, ao mesmo tempo que barrava as portas da cabina a Mandillo, que tentava esmurrar-lhe a cara.

O comboio era uma imagem romântica, deslizando através das encostas cobertas de neve ao amanhecer, mas não tinha aquecimento. O papa passou a viagem enrolado num cobertor, a dormir no compartimento da frente. Muitos de nós vestiam as camisas leves que usáramos na perfumada Bombaim, e saltávamos para permanecer quentes. Quando chegámos à pequena estação ferroviária de Tratevere, em Roma, o papa disse, na plataforma, que nunca imaginara regressar da Índia daquela maneira.

— É assim que as coisas se passam por vezes — acrescentou ele.

E era, na verdade, tudo o que havia a dizer.

As ruas de Roma continuavam obstruídas com vinte centímetros de neve, e acabei por ir a pé os três quilómetros até casa, usando ainda a minha camisa de manga curta e carregando uma pasta e a máquina de escrever portátil. Quando toquei à campainha, a minha mulher veio abrir a porta. Ouvi a sua voz alegre:

— Como foi a viagem?

João Paulo viajou para África catorze vezes, e foi lá que o *volo papale* muitas vezes se descontrolou.

Em 1988, o papa partiu para uma viagem por cinco países do Sul de África que, vincadamente, excluiu a África do Sul e o seu regime de *apartheid*. Na terceira parte da viagem, o corpo de imprensa do Vaticano estava

à espera, no exterior de um aeroporto do Botsuana, por um voo para o Lesoto, um país minúsculo rodeado por todos os lados pela África do Sul. Ouvíramos previsões de tempestades junto a Maseru, a capital do Lesoto, que era o nosso destino nesse dia. Vi o nosso piloto da Air Zimbabwe e aproximei-me dele para lhe perguntar sobre isso. Era verdade, disse ele, estavam a prever mau tempo. Pareceu amigável e conversador. O problema de Maseru, explicou ele, era que o aeroporto estava situado não muito longe da face descascada de uma montanha, e era muito complicado abordá-lo durante uma tempestade. Arrisquei dizer que ele devia ter feito já muitos voos para lá. Ele sorriu.

— Na verdade, nunca lá estive. É a minha primeira vez.

Olhei para o nosso Boeing 707 sobre a pista, um velho avião que fora obviamente posto na reserva por uma companhia aérea importante antes de acabar na frota da Air Zimbabwe. Em cada uma das nossas paragens anteriores, no Zimbabué e no Botsuana, um mecânico trabalhara num dos motores — mesmo até ao momento de o papa embarcar no avião, quando a capota do motor seria rapidamente aparafusada para a descolagem. Reparei que, mesmo naquele momento, estavam dois mecânicos sobre a asa, a examinar partes do motor. Pouco tempo depois, ouviram-se sirenes à distância: o papa estava a chegar. Embarcámos e, com toda a certeza, quando chegámos aos nossos lugares, a cobertura estava a ser rebitada sobre o problemático motor.

Em viagens anteriores, tudo isto me teria gelado de ansiedade. Mas, devido ou não aos betabloqueadores ou a um ajustamento da atitude metafísica, não senti medo — nenhum mesmo. E, à medida que aquele voo em particular se tornava desagradável — o tempo ficara realmente mau e a deficiência do motor estava a causar problemas —, descobri-me imune ao enjoo que em breve tomou conta da maioria das pessoas a bordo do avião. De facto, eu estava a comer a minha refeição com gosto, mesmo quando outros a estavam a vomitar para os sacos de papel. Sobrevoámos em círculo sobre Maseru, à espera do que presumimos fosse uma quebra da tempestade. Embora não o soubéssemos na altura, a verdadeira razão da nossa situação era uma combinação entre estado do tempo, mecânica e protocolo. O rei do Lesoto, Moshoeshe II, que deveria saudar o papa no aeroporto, estava ele próprio num voo para Maseru, atrasado e em grande velocidade para chegar antes do pontífice. O controlo de tráfego aéreo manteve o nosso avião no ar até o rei ter aterrado, mas, nessa altura, a tempestade piorou e as luzes de navegação do aeroporto e o sinal de radar foram abaixo. O *volo papale*, paralisado no ar com um motor a trabalhar mal e por cima de uma montanha oculta algures atrás das nuvens, guinou através da tempestade numa interminável curva. Federico

Mandillo, o repórter da ANSA, sofreu o que se revelou ser um ataque. Depois, subitamente, o avião endireitou-se.

Alguns momentos depois, uma hospedeira sorridente voltou à secção de imprensa e disse em voz alta «Jo-burgo». O avião irrompeu num aplauso, e meia hora depois o piloto desceu-nos no Aeroporto Jan Smuts em Joanesburgo. Desvairados para encontrar um telefone e enviar os nossos artigos, saímos apressadamente do avião. Barry Moody, correspondente da Reuters, viu horrorizado o semiconsciente Mandillo, agora estendido na coxia, ser pisado pelos colegas. Os responsáveis sul-africanos estavam ansiosos por desempenhar o papel de anfitriões daqueles inesperados visitantes. Rapidamente reuniram uma caravana de autocarros para nos levar ao Lesoto, atrás de um *BMW* à prova de bala onde seguia o papa. A certa altura, quando o carro parou numa bomba de gasolina e o pontífice saiu do banco de trás, os clientes, espantados, ajoelharam-se e começaram a rezar. O papa deu um terço a cada um deles.

Foi uma viagem de cinco horas, e, ao longo do caminho, soubemos que um caso dramático de sequestro se estava a desenrolar no Lesoto. Homens armados tinham-se apoderado de um autocarro cheio de peregrinos católicos a caminho da missa papal e exigiam ver o papa. Uma força especial sul-africana estava a ser enviada para cercar o veículo. Enquanto o nosso próprio autocarro acelerava por entre plantações de feijão e ranchos de gado, seguíamos a história pelo meu rádio portátil.

No interior do seu *BMW* blindado, o papa fora informado de que um autocarro de peregrinos fora sequestrado, mas não de que os sequestradores exigiam encontrar-se com ele. Testemunhas disseram depois que os jovens que se tinham apoderado do autocarro formavam um estranho bando, empunhando *AK-47* e cantando canções religiosas com os peregrinos durante toda a situação.

Ao princípio da noite, atravessámos finalmente a fronteira do Lesoto e chegámos a Maseru. João Paulo saiu do carro e caminhou ao longo de uma estrada lamacenta para apertar a mão aos peregrinos que tinham acampado para o verem. A comitiva do papa continuou e passou perto do local onde os homens armados retinham o autocarro, mas não parou. Ainda não tinham dito ao papa que os sequestradores se queriam encontrar com ele, e os responsáveis do Vaticano, preocupados com a segurança do pontífice, nem por um segundo ponderaram a ideia de o levar ao local. Um minuto depois de o papa ter passado, os homens armados mandaram o condutor do autocarro derrubar as cancelas do edifício da embaixada britânica, nas imediações. Antes de ele o conseguir fazer, as forças especiais sul-africanas invadiram o veículo, matando os três sequestradores e uma raparigui-nha de dezasseis anos. Quando chegámos ao nosso hotel, a uns quantos



quarteirões de distância, ouvimos as sirenes das ambulâncias que levavam os feridos para os hospitais.

As mortes lançaram uma mortalha sobre a missa que o papa celebrou na manhã seguinte. Para os repórteres, a caçada era encontrar os peregrinos sobreviventes do autocarro, que estavam ali na missa, mas ninguém nos diria onde. A última coisa que os organizadores queriam era fazerem aquela gente traumatizada enfrentar os meios de comunicação. Separei-me do grupo de jornalistas e esquadrinhei o campo apinhado de gente. Se os sobreviventes estivessem ali, raciocinei eu, teriam sido levados para a frente, onde poderiam receber a Comunhão do papa. Quando a liturgia começou, arrastei-me através da relva em direção ao altar, movendo-me furtivamente por entre os crentes. Para os que olhavam com suspeição, exibí o meu cartão de imprensa, simplesmente dizendo «Vaticano». Expliquei que precisava de encontrar as pessoas do autocarro sequestrado. Alguém apontou, prestativamente, uma mulher com um lenço na cabeça sentada num cobertor.

— Ela estava no autocarro.

Aproximei-me da mulher, que estava ladeada por duas amigas. Poderia colocar algumas perguntas? As amigas pareceram duvidosas. Exibí o meu cartão de imprensa e a mulher anuiu com relutância. Aquilo era como descobrir ouro, e eu queria-o todo para mim. Olhei em redor e puxei o capuz da chuva sobre a cabeça, não fossem os meus colegas ver-me. A mulher era uma professora com quarenta e nove anos de idade que acompanhara os mais novos no autocarro. Sussurrei questões ao seu ouvido ao mesmo tempo que as pessoas que tentavam seguir a missa me mandavam calar. A princípio ela não respondeu. Afinal, talvez não falasse inglês. Depois, percebi que não conseguia falar porque estava a chorar. Acabou por secar as lágrimas e descrever-me a cena no autocarro: como tinham rezado o terço com os sequestradores, como os homens armados pensavam que o papa os poderia ajudar a mudar o governo do Lesoto, como se tinham escondido todos debaixo dos assentos quando o tiroteio começou. Ela conhecia a rapariga de dezasseis anos que morrera no tiroteio.

— Ela estava tão entusiasmada com a visita do papa. Era apenas uma estudante — disse a mulher, antes de irromper novamente em soluços. Até mesmo o mais calejado repórter é capaz de sentir, por vezes, que está a entrar abusivamente nas emoções de alguém, e a dor daquela professora levou-me a fechar o caderno de apontamentos. Despedi-me e regressi furtivamente através das ervas até ao redil dos jornalistas. Tinha a minha história. Quando olhei para trás, a mulher era de novo indiscernível no mar de crentes.

...

Estávamos todos felizes por deixar o Lesoto e seguir para a Suazilândia, onde o papa deveria dizer a missa num estádio de futebol. Estava um esplêndido dia de sol, e, no estádio, deambulei por entre uma multidão que parecia mais curiosa do que devota. Perto do altar papal, descortinei o Padre Roberto Tucci, de sobrolho carregado.

Tucci, um prelado de natureza gregária encarregado de organizar aquelas viagens, era um favorito entre os jornalistas do Vaticano. Era um homem grande com uma cabeça enorme, parecia um lavrador. O seu rosto era profundamente enrugado, no qual brotavam sobrolhos cujo crescimento se descontrolara. Ninguém teria suposto que era jesuíta. Tinha um modo de falar terra a terra e uma franqueza que, ocasionalmente, lhe criava problemas com os diplomatas do Vaticano. Parecia faltar-lhe a discrição que fazia da maior parte dos responsáveis do Vaticano maus entrevistados. Quando Tucci se encontrava com a imprensa (muitas vezes num intervalo para fumar durante as cerimónias papais), dizia realmente o que lhe ia na cabeça — uma prática perigosa. Como homem do Vaticano na linha da frente, negociara com governos de todo o mundo e conhecia as coisas dúbias que eles queriam que o papa fizesse: desfiles, bênçãos privadas, aprovação pública, visitas a fábricas estatais, orações em túmulos de familiares, viagens triunfais por projetos de habitação. Muitos chefes de governo, especialmente os ditadores, viam a presença do papa como uma oportunidade tremenda de relações públicas. Tucci era o homem que lhes dizia, calma mas firmemente, que nem pensar.

Uma vez o programa papal desbastado até aos limites do razoável, a tarefa de Tucci era certificar-se de que ele se cumpria sem dificuldades. Tratava dos transportes, contava os degraus que o papa teria de subir, media o ângulo do sol nos altares papais. Ele era o produtor do espetáculo.

Poucas pessoas o sabem, mas Tucci e João Paulo conheciam-se havia décadas. Tinham-se encontrado no Concílio Vaticano II, quando o papa era um jovem bispo e Tucci era conselheiro teológico de diversos documentos conciliares. Embora, para quem o ouvisse, ele pudesse parecer o tipo de pessoa que se senta ao nosso lado no bar, Tucci era, de facto, um intelectual, e durante muitos anos liderou a equipa de jesuítas que escreveu para o prestigioso jornal *La Civiltà Cattolica*.

Aproximei-me e conversámos sob o sol suázi, e em breve fiquei a saber a causa da sua consternação. A missa estava pronta para começar, mas o Vaticano estava à espera do Rei Mswati III, de vinte anos, que tinha o hábito de chegar tarde. Quando Tucci olhou para o relógio, um funcionário do governo, de fato azul-escuro, aproximou-se de nós.

— Chegar um pouco tarde é considerado um sinal de respeito no nosso país — explicou ele. Tucci não disse nada. Os seus sobrolhos agitavam-se de desespero; precisava urgentemente de um cigarro.

Os suázi tinham já arruinado a chegada de João Paulo. Quando o papa entrou no estádio, um esquadrão de guardas envolveram o seu carro aberto e levantaram os escudos em saudação. Mas, depois, o carro virou para o lado errado, no final do caminho, e teve de voltar para trás lentamente, enquanto o papa, sentado, se perguntava o que se passava. Por razões que Tucci não poderia compreender, aquele equívoco desencadeou loucas aclamações entre a multidão.

Nessa altura, o rei estava quinze minutos atrasado e o papa estava no altar, à espera. Tucci inspecionou a cena, viu alguma coisa de que não gostou e falou abruptamente por um intercomunicador. Os soldados, carregados de armas, disse ele, estavam demasiadamente próximos do altar, e havia uma metralhadora visível por trás do papa. Tinham de ser retirados, ou a missa iria parecer um exercício militar.

O papa começou a celebrar a liturgia, e alguns minutos depois ergeu-se um clamor. O Rei Mswati finalmente chegara, viajando pela pista do estádio num *Cadillac* antigo em direção ao lugar de honra. Observei Tucci resmungar para o intercomunicador e abanar a cabeça.

— Olhe-me para aquilo — murmurou ele, entre dentes. Levantei os olhos e vi o jovem rei acompanhado por duas das suas quatro mulheres.

A poligamia está muito difundida na Suazilândia, e o Rei Mswati sempre garantiu que tinha a primazia dos direitos conjugais entre a população feminina do país. Três semanas antes de o papa chegar, a Suazilândia realizara a «Dança dos Juncos» anual, na qual dezenas de milhares de jovens virgens se reúnem para dançar de seios nus, rodopiando juncos e cantando, num esforço para chamarem a atenção do rei, que escolhe uma nova noiva dentre elas. Para as raparigas, serem selecionadas como a mais recente mulher do rei é a única hipótese de escaparem à pobreza — ou, pelo menos, foi essa a ideia geral que obtive de responsáveis suázi, na missa. Eles explicaram-me também que não era tão fácil como parecia escolher uma noiva entre vinte mil raparigas a dançar num campo. Naquele ano, o rei, não querendo confiar em primeiras impressões, gravara a dança em vídeo e tomara a decisão depois.

Um pouco ironicamente, que provavelmente passa despercebido a todos os que assistiam, o sermão do papa no estádio defendia o casamento cristão e criticava asperamente a poligamia, dizendo que esta não respeitava as mulheres. Se o rei e as suas mulheres ficaram ofendidos, não o mostraram. No dia seguinte, Mswati saudou o papa calorosamente no seu palácio numa cerimónia supervisionada por uma mulher imponente, com ar de não ser para brincadeiras, que ocupou um lugar lateral.

— Quem é aquela? — perguntei eu a um burocrata suázi, de fato preto.

— Aquela é a mãe do rei, a *Indlovukazi*. — Consultou brevemente um

colega. — Na sua língua é «A Grande Elefante-Fêmea» — disse ele, como se isso me esclarecesse. O meu rosto deve ter-lhe dito que não.

— É uma pessoa muito importante na Suazilândia — disse ele, lentamente. Na verdade, descobri depois que aquela figura de turbante e olhar sinistro governava conjuntamente com o filho por decreto constitucional. Ajudava também o rei a selecionar as novas mulheres.

As oito horas do papa na Suazilândia e a sua firme defesa da monogamia desapareceram como uma nuvem de verão. A poligamia continuou a florescer no país, e a Dança dos Juncos atraiu um número crescente de donzelas. Anos depois, abri um jornal e li que o Rei Mswati, agora com trinta e sete anos, estava em apuros depois de ter escolhido uma virgem de dezassete anos — nada menos do que a Miss Suazilândia — como sua décima terceira mulher. Parece que ao fazê-lo violara o seu próprio decreto sobre castidade para raparigas menores de dezoito anos, que ele estabeleceu como medida anti-SIDA. Depois de quebrar a proibição, o rei mostrou que não estava acima da lei: obrigou-se a pagar uma vaca como multa.

Nos finais de setembro de 2001, o Papa João Paulo passou três dias na Arménia, após uma visita de quatro dias ao Cazaquistão. A viagem foi demasiado longa para o papa doente, agora com oitenta e um anos e sofrendo da doença de Parkinson. Precisava de ser constantemente amparado por assistentes quando andava, tinha problemas para se pôr de pé durante as liturgias e, por vezes, afundava-se na cadeira num visível estado de exaustão. As mãos tremiam-lhe e os responsáveis do Vaticano tinham concebido uma estante portátil que o ajudasse a manter a sequência dos textos. A ideia rebentou quando a estante escorregou do colo do pontífice sentado, espalhando os papéis do discurso. Para aqueles de nós que o tinham acompanhado ao longo dos anos, a lenta transformação foi dolorosa de testemunhar. Era claro que estaria em breve numa cadeira de rodas.

Para os repórteres do *volò papale*, a viagem levantava também a questão delicada de saber se o papa estaria realmente a dirigir o Vaticano — um assunto que se tornou crítico no Cazaquistão. Tinham passado apenas duas semanas sobre os ataques de 11 de setembro, a fronteira do Afeganistão ficava a poucas centenas de quilómetros para sul e os jornalistas pressionavam para saber a posição do Vaticano sobre o ataque iminente dos Estados Unidos contra as forças talibã. Nem o papa, nem os seus assessores de política externa tinham dito muito sobre os preparativos da Operação Liberdade Duradoura. Mas, em Astana, capital do Cazaquistão, o porta-voz do Vaticano, Joaquín Navarro-Valls, subitamente preencheu o vazio. Durante um intervalo no programa papal, ele declarou que o Vaticano

compreenderia se os Estados Unidos perseguissem os terroristas pelo mundo como uma extensão do princípio da autodefesa. Os comentários, surpreendentemente contundentes, ofuscaram por completo o que quer que o papa estivesse a fazer no Cazaquistão. Vendo João Paulo lutar apenas para dizer a missa, perguntámo-nos se ele teria sequer noção do que o seu porta-voz acabara de dizer ao mundo.

Quando chegámos à Arménia, Navarro-Valls girava numa direção diferente, sublinhando quão atento o papa estava apesar da sua enfermidade física. Se apenas o pudessem ver de perto, disse ele, perceberiam que o seu espírito se mantém agudo. A mim, pareceu-me que os mandões do Vaticano estavam por trás desta nova insistência na competência papal. Sem dúvida tinham reparado no problema de Navarro-Valls ter enunciado o ponto de vista de João Paulo sobre a «guerra contra o terrorismo». Parecia que o papa já não conseguia falar por si próprio.

Andreas Englisch, um repórter astuto do jornal alemão de grande tiragem *Bild*, pegou em tudo isto e perguntou-se em voz alta quem tinha autoridade para tomar decisões.

— Pensam que Navarro fez isto da sua cabeça? Nunca! Claro que foi orquestrado, mas quem está a dirigir a orquestra? E agora têm de nos convencer de que o papa está «mentalmente consciente»! De que o papa está realmente no comando! — disse ele com uma grande gargalhada.

Englisch e eu descobríamos, no avião papal, embalagens cor de laranja estranhamente assinaladas, produzidas por um fabricante alemão. Pesquisámos no Google e descobrimos que eram garrafas de oxigénio, transportadas obviamente para emergências papais. Tudo isto somado dava a impressão que um papa moribundo estava a ser exibido à volta do mundo, enquanto a cadeia de comando do Vaticano se desmoronava.

No último dia de viagem, os repórteres fizeram fila para um autocarro para Yerevan. Um fatigado Vik van Brantegem fazia sentinela à porta, marcando as presenças para assegurar que ninguém era deixado para trás. Perder o autocarro para o aeroporto pode ser desastroso, e apenas me aconteceu uma vez, em Moçambique. Nessa ocasião, corri para a estrada principal e pus-me a pedir boleia, acenando com uma nota de cinquenta dólares. O primeiro condutor parou e acelerou até ao terminal, recusando qualquer pagamento.

Na Arménia, o autocarro levou-nos ao aeroporto e marchámos para um Airbus, enquanto o papa fazia uma última paragem num mosteiro a trinta quilómetros de distância. Estávamos habituados a esperar dentro de aviões, mas o pessoal da Armenian Airlines recebera ordens para não nos fornecer comida ou bebida até que o papa chegasse. Nem mesmo água estava a ser distribuída. O papa estava a ficar atrasado e, à medida que as horas passavam, os repórteres ficavam cada vez mais rabugentos.

Andreas Englisch repousava na coxia, de gravata desapertada em volta do colarinho, o suor a formar-se na testa. Como sempre, conseguia sorrir perante o absurdo da nossa situação.

— Isto é ridículo!

Chamou a atenção de uma assistente de voo e informou-a cortesmente de que os seus colegas poderiam amotinar-se a menos que tivessem alguma coisa que beber. Ela disse que, aparentemente, a água ainda estava a ser carregada.

— Então o que arranja? — perguntou ele.

Ela parou e foi verificar, voltando um minuto depois com uma garrafa de vodka.

— Aha! — disse Englisch deliciosamente. Em breve, muitas mais garrafas de vodka estavam a circular pelo avião, esvaziadas em copos de plástico e emborcadas com o abandono despreocupado de quem não tem mais prazos para cumprir nesse dia.

Não sou grande bebedor de vodka, mas rapidamente descobri o prazer de *Avshar*, um licor com 40 por cento de álcool que me disseram ser produzido a partir de trigo cultivado sob o Monte Ararat. É o melhor da Arménia, e corria agora como um rio pelo nosso avião. O humor mudou, de belicoso para jocoso. Fosse como fosse, quem precisava de água? Acho que nem demos conta de o avião ter descolado.

Então, Navarro apareceu. Tinha algo para anunciar. Num derradeiro toque da sua varinha de mestre-manipulador, fizera com que o papa saudasse pessoalmente cada um de nós no voo de regresso a Roma. Quando fôssemos levados lá para a frente e, um a um, nos sentássemos junto do pontífice para com ele conversarmos por breves instantes, veríamos por nós próprios quão consciente e atento ele estava.

Navarro não se dera aparentemente conta de que metade do avião estava atestada até às goelas. Então o que se passou foi que João Paulo se sentou à escurta enquanto um desfile de repórteres cambaleava e, em tons que variavam do sentimental ao íntimo, proferiram meditações, alimentadas a vodka, sobre a vida, a religião, as crianças e, claro, o papado. As fotografias para recordação foram impagáveis: parecemos companheiros de cadeira do papa durante o voo, à conversa como velhos amigos. Examinadas mais de perto, porém, a minha própria fotografia contava a verdadeira história: eu em conversa animada e o papa sorrindo debilmente, de olhos vidrados.

Enquanto viajante, o Papa Bento evitou os postos avançados do Cristianismo e as suas peculiaridades culturais. Isso reflete o foco do seu pontificado: após mais de vinte e cinco anos de expansão da Igreja em lugares como a África e a Ásia, Bento acredita que a prioridade é, agora, reforçar a base.

Não é acidental que a maior parte das suas viagens tenham sido na Europa. E, ao invés do seu predecessor, ele parece não ter qualquer interesse em arrastar-se pelo meio de bairros de lata, dizer missa no deserto ou ver nativos dançarem em ritmo frenético durante a missa papal.

Bento definiu o tom das suas jornadas durante a sua primeira viagem, quando presidiu ao Dia Mundial da Juventude em Colónia, na Alemanha, em agosto de 2005. Estes megaencontros de jovens são por vezes comparados a Woodstock, mas a única coisa que têm em comum com os festivais de rock é o facto de terem grandes multidões. Na definição do Vaticano, um «jovem» é alguém entre os dezasseis e os trinta e cinco anos de idade, pelo que os encontros atraem uma porção de Católicos na casa dos vinte-e-qualquer-coisa, que são já ativos nas suas paróquias e que estão ansiosos por se ligarem a outros jovens como eles.

O ponto alto destes ajuntamentos internacionais é sempre uma noite de vigília com o papa, seguida de uma missa na manhã seguinte. João Paulo II conduziu a vigília como uma espécie de reunião de motivação espiritual, escutando os jovens contarem as suas histórias pessoais, vendo-os dançarem e juntando-se às suas canções. Tornou o ambiente menos pesado, brincando e lisonjeando, fazendo rodopiar a bengala, pondo de lado textos preparados e apanhando, em geral, o sabor a diversão do evento.

Como descobrimos na Alemanha, esse não era o estilo do Papa Bento.

A vigília de Colónia teve lugar ao crepúsculo, numa colina de inclinação suave, enquanto a Lua cheia se erguia no horizonte. Foi pesada em oração e leve em entretenimento. De vez em quando, a multidão começava a entoar o nome de Bento, como costumava fazer com João Paulo II, mas o papa alemão pôs um dedo sobre os lábios para, gentilmente, os silenciar; não foi preciso muito tempo para que o cântico morresse. O programa incluía umas quantas danças, lentas e solenes, executadas por jovens do Gana e da Índia. Mas o ponto alto foi a adoração silenciosa do Santíssimo Sacramento, quando a atenção de cerca de um milhão de jovens foi dirigida para uma hóstia consagrada num ostensório de ouro, elevado numa plataforma papal.

Mais para o final da noite, enquanto um clarinete tocava uma melodia tocante, os jovens acenderam velas e balançaram-nas de um lado para o outro, criando um ondeante mar de luz. No palco, Bento segurava na sua própria vela, mas sem a mover. Atrás dele, uma falange de cardeais da Cúria Romana tomaram a deixa do papa e permaneceram imóveis, como estátuas. Todos, menos o Cardeal Ângelo Sodano que levantou os olhos, viu a multidão, sorriu... e lentamente balançou a sua vela. Por ter cantado assim fora de tom, o Cardeal Sodano, na altura secretário de Estado do Vaticano, recebeu algumas críticas por trás. Um alto responsável do Vaticano disse-me alguns dias depois: «Sodano fez uma figura ridícula.» Disse-mo

de uma forma que implicava que oscilar velas poderia ter consequências numa carreira.

A gente nova parecia levar tudo isto de uma forma desportiva. As suas t-shirts podiam dizer «Força, Ratzl!», mas quando eram entrevistados, na vigília, adotavam rapidamente um tom mais sério e falavam da importância de redescobrir a identidade católica. Tinham captado a mensagem.

— Foi bom. As pessoas precisam de ser lembradas de rezar — disse um espanhol de vinte e um anos.

Depois, pé ante pé através de uma paisagem de sacos-cama, falei com Gabriela Delgado da Califórnia, pedindo as suas impressões daquele Dia Mundial da Juventude.

— Foi mais religioso do que político — disse-me ela. — Acho que é ótimo porque foi realmente em busca disso que viemos.

Bento é genuinamente um académico, e não pôs isso de parte em Colónia. Escutei com espanto quando, na missa de encerramento, ele explicou as raízes gregas e romanas da palavra «adoração», uma lição etimológica que deve ter passado ao lado de 99,9 por cento da sua jovem audiência. Por outro lado, fiquei impressionado quando comparou a Comunhão Sagrada à fissão nuclear, dizendo que a Eucaristia era como uma «explosão íntima» que punha em marcha uma série de transformações. Impressionou-me pela criatividade, e enquanto jornalista de uma agência católica, poderia trabalhar com isso.

Contudo, a maior parte dos repórteres do *volo papale* não estava tão agradada com o facto de o papa ter posto em foco quase exclusivamente temas religiosos. Quando íamos levantar, todos os dias às cinco da manhã, os discursos papais, ao quarto de hotel de van Brantegem, os meus colegas resmungavam à medida que passavam os olhos pelos textos.

— Não consigo escrever um artigo acerca do «poder da Eucaristia» — disse um repórter de uma grande publicação britânica.

Os meios de comunicação seculares começavam a debater-se com aquele novo papa. João Paulo II sempre temperara os eventos do Dia Mundial da Juventude com comentários sobre os conflitos globais, as crises de refugiados, os desafios tecnológicos, o hedonismo sexual ou outra coisa qualquer — qualquer coisa — que pudesse fazer uma manchete do *Pittsburgh Post-Gazette* na manhã seguinte. Bento parecia evitar deliberadamente isso tudo.

Do mesmo modo, também tinham desaparecido os gestos de entusiasmo e exuberância compartilhada, os abraços papais e as danças em cordão. Enquanto Bento se sentava imóvel no altar papal, em Colónia, um fotógrafo italiano tocou-me com o ombro e disse com um resmungo:

— Que esperam que façamos com este tipo? É uma múmia.



...

Quando o Papa Bento fez a sua primeira viagem aos Estados Unidos, em 2008, os maiores meios de comunicação redescobriram o interesse pelo pontífice alemão. E, por uma vez, o papa pareceu cavalgar sobre a onda das manchetes. No seu avião, de Roma para Washington, respondeu a uma pergunta sobre abuso sexual por sacerdotes com uma franqueza e um domínio do detalhe que chamou a atenção de toda a gente.

— Estamos profundamente envergonhados e faremos todos os possíveis para que isso não possa acontecer no futuro — disse ele com voz suave.

Pareceu tão completamente simples, porém nenhum dos altos responsáveis do Vaticano alguma vez dissera tanto. Claro, a questão sobre abuso sexual não apanhou o papa de surpresa. De facto, para aquela viagem o Vaticano pedira aos repórteres para submeterem as suas perguntas previamente. Os responsáveis do Vaticano escolheram depois umas quantas e deram-nas a jornalistas selecionados para as recitarem no avião durante o período de Perguntas e Respostas. O dispositivo teatral fez com que muitos de nós ficassem a queixar-se.

O papa chegou à Casa Branca para uma manifestação festiva de amor no dia do seu octogésimo primeiro aniversário. O Presidente George W. Bush liderou nove mil amigos numa interpretação improvisada de «Parabéns a você» no Relvado Sul. O papa foi obsequiado com um miniquadro representativo da solenidade americana, completado por um regimento de gaita de foles e tambores que tocou «Yankee Doodle». Quando o papa e o presidente trocaram discursos, Bush pareceu tentar chegar um pouco mais alto do que o habitual. George W., que a maioria das pessoas concordaria em não considerar um intelectual, embora tenha uma vez reivindicado ter lido um livro do Papa Bento, mais tarde, avisadamente, precisou esse facto, dizendo que lera «partes». Agora, porém, quando o papa estava sentado a ouvir a poucos metros de distância, o presidente ficou ligado em modo aluno brilhante, distribuindo frases filosóficas como «ditadura do relativismo» e citando Santo Agostinho — em latim. O discurso do papa foi uma reflexão subtil sobre os pais fundadores e os valores morais. Quando terminou com o inevitável «Deus Abençoe a América!», o presidente levantou-se de um salto e disse ao pontífice:

— Obrigado, Sua Santidade! Que discurso incrível!

A visita aos Estados Unidos foi um pesadelo logístico para os jornalistas, que foram obrigados a chegar aos eventos com uma antecedência que chegou a ser de seis horas, para infinitas verificações de segurança. Em teoria, aos jornalistas do *volò papale* as autorizações eram concedidas mais facilmente. Quando o avião papal chegou a Nova Iorque, estava previsto que o papa falava quase imediatamente nas Nações Unidas, e eu estava

entre um pequeno grupo de repórteres que foi metido num helicóptero militar que nos esperava na pista do aeroporto JFK. A operação foi toda muito ao estilo *Apocalypse Now*; e pela porta aberta do helicóptero vimos os arranha-céus agigantarem-se e afastarem-se. Depositados na baixa de Manhattan, entrámos num autocarro que acelerou por uma Avenida FDR vazia, atrás das sirenes estridentes da escolta policial. Mas quando chegámos à sede das Nações Unidas, a polícia da cidade não nos deixava atravessar a rua para entrarmos. Quando os nossos guias suplicaram, os polícias obstinaram-se. Em desespero, fomos para oeste até à Segunda Avenida e caminhámos ao longo de vários quarteirões para norte para tentar a nossa sorte do lado norte do edifício das Nações Unidas. Estava calor e os passeios daquela zona da cidade estavam cheias de gente que parecia não estar ralada com a nossa situação. Uma das guias torceu um tornozelo e ficou para trás, logo absorvida pela multidão. Alcançámos as portas norte, de fatos escuros encharcados em suor, e ouvimos a comitiva papal a chegar, ao virar da esquina — o evento de que deveríamos estar a fazer a cobertura. Os guardas disseram-nos que não estavam autorizados a deixar-nos entrar; iriam chamar alguém responsável. Arriscávamo-nos agora a não ver sequer o papa. Era altura de eu me separar do grupo, e Andreas Englisch teve a mesma ideia. Ele e eu fomos até às portas, onde ninguém parecia estar a verificar os cartões com muita atenção, e escapulimo-nos para dentro, por trás de alguns membros do stafe. Ao fundo de um grande corredor, encontrámos um elevador. Minutos depois, abrimos uma porta e estávamos na galeria da sala da Assembleia-Geral, onde o Papa Bento estava a ser recebido com uma ovação. Mostrei o meu passe de imprensa a um guarda que fazia sentinela, mas ele não pareceu interessado.

O objetivo das *reporting pools* papais é assegurar que alguns jornalistas ponham realmente os olhos no papa, por oposição a simplesmente verem a emissão televisiva. Mesmo se nada de dramático acontece à margem das câmaras, há sempre um valor, por vezes intangível, em estar presente, em sentir o acontecimento. E, agora, sentado na galeria da Assembleia-Geral enquanto o papa lia o seu discurso, senti uma nítida frieza na sala. O próprio texto papal era uma análise interessante da relação entre moralidade, liberdade e direitos humanos, mas não estava a conseguir suscitar qualquer entusiasmo. O Papa Bento tem o hábito de apagar as deixas para aplauso num tom monocórdico, como se nunca devesse ter de elevar a voz. Isso faz com que ouvi-lo se torne monótono. Uma passagem-chave no seu discurso, por exemplo, surgiu quando defendia a liberdade religiosa:

— É inconcebível, então, que os crentes devam ter de suprimir uma parte de si próprios, a sua fé, para serem cidadãos ativos. Não deveria nunca ser necessário negar Deus para gozar os nossos direitos.

Esta era uma das convicções mais profundas de Bento, o seu pão com manteiga, mas a multidão não reagiu; estava meio adormecida. Ele estava no palco do mundo, mas soou como um académico numa sala de conferências.

Em contraste, até mesmo o Papa Paulo VI, que não era dado aos gestos teatrais, estivera à altura da situação quando se dirigiu às Nações Unidas, em 1965, e lançou o libelo eletrizante que terminava com estas palavras: «Não mais guerra, guerra nunca mais!» Quando Bento acabou o discurso, recebeu uma ovação de pé, mas era *pro forma*. Umas semanas mais tarde, eu disse a um responsável do Vaticano pensar que o papa perdera uma oportunidade nas Nações Unidas, e obtive uma reprimenda:

— Vocês, jornalistas! Nem se deram ao trabalho de ler o discurso? A única coisa que querem é emoção e chinfrineira!

Nitidamente, não era o que o papa nos estava a dar.

Na primavera de 2009, recebi um telefonema de um excitado Andreas Englisch.

— Gänswein quer falar connosco — disse ele.

Veio a saber-se que o Monsenhor Georg Gänswein, secretário privado do papa, estava a fazer algum trabalho preparatório com vista à peregrinação de Bento à Terra Santa. Durante semanas, andara a ouvir que um pequeno grupo de pensadores avançados da Secretaria de Estado estavam a trabalhar silenciosa e proativamente para anularem o género de gafes que tinham atormentado aquele pontificado desde o início. Muitos desses tropeções tinham ocorrido quando o papa estava em viagem, fora do Vaticano. Proferiu observações que ofenderam ou chocaram — sobre tópicos que foram desde o Islão, passando pelos preservativos e o aborto, até ao Holocausto — e os seus assessores ainda tornariam as coisas piores ao tentarem desajeitadamente manipular as suas palavras ou, pura e simplesmente, alterá-las. Agora, o papa preparava-se para atravessar o campo minado do Médio Oriente, visitando a Jordânia, Israel e os territórios palestinianos, e Gänswein queria identificar potenciais problemas. Assim, convocou três jornalistas para uma conversa *off-the-record*: Englisch, eu próprio e Rachel Donatio, do *New York Times*. Uma bela manhã, metemo-nos no carro de Andreas e dirigimo-nos a Castelgandolfo, onde o papa e os seus mais próximos assessores estavam a passar alguns dias.

Estávamos num salão elegantemente mobilado da *villa* papal quando Gänswein irrompeu por ele dentro, levantando ligeiramente a sotaina ao sentar-se numa cadeira de antiquário. O monsenhor, de cabelo alourado, a quem a CNN chamava «o George Clooney do papa», era tão bonito em

pessoa quanto parecia na televisão. Fez conversa de circunstância durante um bocado e depois fomos direitos ao assunto. No essencial, queria saber o que faria desta peregrinação um sucesso, jornalisticamente falando, e o que poderia fazer dela um desastre. Em nossa opinião, quais eram as coisas que o papa não poderia dizer ou fazer? Onde estavam as armadilhas? Tive de reconhecer uma coisa: Gänsw ein percebia que algum grau de simpatia por parte dos meios de comunicação era crucial para uma visita como aquela.

As nossas respostas, contudo, deixaram provavelmente o bom monsenhor mais confuso do que nunca. Andreas disse muito energicamente que, quando Bento visitasse o Memorial do Holocausto Yad Vashem, devia tratar a questão como «o papa alemão». Isso seria uma oportunidade histórica para falar sobre os fracassos dos cristãos alemães no período nazi. Não concordei inteiramente, pois acredito que Bento não poderia ir a Jerusalém como porta-voz da alma da nação alemã; o seu papel era agora mais universal, e a sua mensagem precisava de refletir isso. Além do mais, sentia que quaisquer que fossem os focos inter-religiosos e políticos ao longo do itinerário papal, a dimensão espiritual era a chave para o sucesso da viagem. Fora assim que João Paulo II conquistara o coração das pessoas durante a sua própria visita à Terra Santa, em 2000 — sendo, primeiro que tudo, um peregrino, e enfatizando as ligações entre todos os crentes, quer fossem Cristãos, Muçulmanos ou Judeus. Disse que o desafio de Bento era não aparecer como se estivesse simplesmente a imitar o seu predecessor: tinha de ser ele próprio.

Gänsw ein ouviu tudo com ar pensativo, depois ergueu-se, agradeceu-nos e foi-se embora — tinha de ir a correr, disse ele olhando para o relógio. Estava a chegar uma visita que ele tinha de apresentar ao papa.

Duas semanas depois, encontrávamo-nos a meio da visita do papa à Terra Santa. Até ali, Bento evitara, na verdade, passos em falso. Na Jordânia evitara levantar a questão da religião e da violência, mas de uma forma que encorajava os líderes islâmicos moderados e sem insultar ninguém. Sublinhou a crença comum sobre o lugar de Deus na sociedade civil, e conquistou o país inteiro quando usou um *kaffiyeh* aos quadrados vermelhos e brancos.

Contudo, as coisas complicaram-se mais em Jerusalém, onde a visita ao Yad Vashem foi tudo menos um triunfo. Afinal, talvez, Andreas Englisch tivesse razão. Vi todo o evento desenrolar-se a um canto do memorial mergulhado na semiobscuridade e senti as coisas esmorecerem. O papa pôs uma máscara inexpressiva enquanto as vozes cantavam e era lida uma oração fúnebre. Depois, fez um discurso invulgarmente breve, falando de forma comovente sobre a tragédia por que as vítimas tinham passado, mas não

disse nada acerca da responsabilidade histórica assumida pelos Alemães ou pelos Cristãos. Exprimiu «compaixão», não remorso. Enquanto a comitiva do papa se afastava do memorial, juntei-me ao grupo de repórteres que montavam um cerco aos líderes judeus presentes. Ao mesmo tempo que, de modo geral, mostravam apreciação relativamente à visita do Papa Bento, também exprimiam desapontamento. O papa, que crescera na Alemanha em guerra, não fora capaz de mencionar os Nazis perpetradores do Holocausto. Uma vez mais, a relutância de Bento em partilhar publicamente a sua própria experiência esvaziara o que poderia ter sido um ponto alto da viagem em termos emocionais.

Na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, a comitiva papal leu as críticas e não estava contente. «O Discurso de Bento Mostrou Indiferença Verbal e Banalidade», lia-se na manchete de um dos jornais. O que realmente irritou os responsáveis do Vaticano foi que diversos artigos mencionavam que, quando adolescente, o papa integrara o programa da Juventude Hitleriana. Os membros da comitiva discutiram isso ao pequeno-almoço e o Monsenhor Gänswein observou que, pura e simplesmente, isso não era verdade — que Joseph Ratzinger nunca fora membro ativo da Juventude Hitleriana. O Padre Federico Lombardi tomava mentalmente notas enquanto escutava o secretário papal. E assim foram plantadas as sementes de mais uma gafe.

Algumas horas depois, estava eu sentado junto de Victor Simpson, da Associated Press, num centro de imprensa apinhado, ouvindo Lombardi afastar a sugestão de que o Papa Bento se esquivara da «questão alemã» durante a sua visita ao Yad Vashem, no dia anterior.

Depois, Lombardi mudou de registo e continuou a ofensiva. Sem que ninguém lhe tivesse perguntado, começou a referir as notícias sobre o envolvimento de Joseph Ratzinger com a Juventude Hitleriana. Alguns meios de comunicação tinham citado o presidente do parlamento israelita, que descreveu Bento como um «alemão que integrara a Juventude Hitleriana e... alguém que integrara o exército de Hitler».

Lombardi disse que era importante contrariar as «mentiras» que estavam a ser propaladas sobre Ratzinger quando jovem. «O papa nunca esteve na Hitlerjugend. A Hitlerjugend era um corpo de voluntários, fanática e ideologicamente a favor dos Nazis. O papa nunca esteve na Juventude Hitleriana, nunca, nunca, nunca!», disse o porta-voz com ênfase. Olhei para Vic Simpson e vi que ele estava tão boquiaberto quanto eu. Ambos sabíamos que o próprio Ratzinger reconheceu que fora obrigado a integrar a Juventude Hitleriana. Encurralámos o Padre Lombardi num canto, depois do *briefing* de imprensa, e recordámos-lhe que nas suas memórias, intituladas *Milestones*, publicadas em 1997, o papa contara que fora

involuntariamente alistado no programa da Juventude Hitleriana, apesar de rapidamente deixar de ir aos encontros. Lombardi emitiu, depois, uma clarificação, dizendo que o que ele quisera dizer («Nunca, nunca, nunca!») fora que o jovem Ratzinger nunca abraçara a ideologia da Juventude Hitleriana e do Nazismo. Mas, nesse momento, era demasiado tarde. A notícia que estava a sair em todo o lado era que o Vaticano tentara, desastrada e inexplicavelmente, negar aquilo que constituía uma parte do registo histórico da atividade do papa alemão sob o regime nazi. Doeume ver o Padre Lombardi, que genuinamente lutava por uma maior abertura no Vaticano, a cometer um tal erro. Era o tipo de erro que advinha precisamente da forma descentralizada como o Vaticano manejava a informação — uma observação improvisada e mal-entendida ao pequeno-almoço tornara-se o último fiasco mediático à hora do almoço.

Na Jordânia, o papa terminara a sua visita de quatro dias com uma viagem ao rio Jordão, uma paragem que mostraria o pontífice como peregrino, seguindo os passos de Jesus. O autocarro cheio de jornalistas chegou ao rio depois de uma viagem de uma hora desde Amã, passando por um sinal que anunciava «O Local Onde Jesus Cristo Foi Batizado». A estrada parecia nova, e havia edifícios em construção. De facto, o governo jordano criara aquele local, doando terrenos adjacentes a igrejas cristãs com o objetivo de fazer desta peregrinação uma das maiores atrações da região. O governo gabava-se de que o local fora reconhecido como «o único lugar verdadeiro onde Jesus foi batizado» e a paragem de Bento nesse dia seria apregoada como o carimbo da aprovação papal.

Isso não era coisa de pouca importância para a Jordânia. A indústria do turismo religioso é uma fonte de rendimento relativamente grande para os países situados na Terra Santa, e, para um número crescente de visitantes cristãos, a Jordânia parecia um lugar mais seguro para viajar do que Israel. O local de batismo da Jordânia levou a concorrência entre peregrinações a um ponto insustentável, pois Israel também tinha um.

O Evangelho diz que João Batista vivia e batizava pessoas em «Betânia, para lá do Jordão», o que, para a primitiva comunidade cristã, deve ter significado a margem leste do rio Jordão, hoje parte do território jordano. Apesar disso, na longa tradição das peregrinações, um outro local na margem oeste do rio era regularmente visitado como local de batismo e, até à Guerra dos Seis Dias, em 1967, esteve cheio de peregrinos. Depois, tornou-se parte de zona militarizada ocupada por Israel e ficou fora de alcance, a menos que se obtivesse uma autorização especial. As suas veneráveis igrejas cristãs ficaram abandonadas e rodeadas por sinais que diziam «Perigo: Minas». Quando Israel ficou a saber que o Papa Bento ia visitar o local de batismo jordano, rapidamente anunciou a reabertura ao público

do seu próprio local. Mas todas as atenções se tinham voltado para o outro lado do rio. Em termos de relações públicas, isto foi uma grande vitória para a Jordânia.

O governo jordano trabalhara muito duramente para fazer com que aquilo acontecesse. No anos de 1990, apoiara as escavações arqueológicas em Wadi al-Kharrar que puseram a descoberto as fundações de cinco antigas igrejas cristãs e outras ruínas, junto de uma série de lagoas em tempo usadas para os batismos. Comparando as descobertas com os textos bíblicos e os relatos de peregrinos medievais e de historiadores, os especialistas estavam convencidos que aquele fora seguramente um importante local de peregrinação nos primeiros séculos de Cristianismo. Mais recentemente, tinham descoberto uma lagoa batismal cruciforme que parecia corresponder às descrições do local exato onde João Batista conduziu Jesus às águas do rio. Aquele era o lugar que o Papa Bento viera ver.

O nosso grupo de jornalistas chegou duas horas mais cedo, e caminhamos pelo arvoredado da margem do rio ao calor da tarde. Deve mencionar-se o facto de que o rio Jordão não é o que era. Em tempos antigos uma correnteza pura e cheia de força, estava reduzido, pela utilização agrícola, a um vagaroso ribeiro castanho com pouco menos de dez metros de largura. O local do batismo era numa várzea onde as águas eram ainda mais paradas. Quando fomos levados até à beira da lagoa, as suas águas estagnadas pareceram muito pouco convidativas. Mas, numa fotografia, o cenário seria ideal — o pontífice vestido de branco sobre os antigos degraus de pedra que desciam para a lagoa onde o próprio Cristo começou a sua vida religiosa pública.

Um rebanho de fotógrafos estava em cima da lama, enxotando as moscas. Reconheci Greg Tarczynski, um fotógrafo de meios de comunicação católicos e outros, muito conhecido. Parecia excitado, pois estava numa posição perfeita para uma grande foto, com a luz a proporcionar maior dramatismo de minuto para minuto. Mas faltava ainda meia hora para a chegada do papa. Pus um boné de basebol que dizia «O Papa na Jordânia» contra o sol muito vivo e conversei com Jeff Israely da revista *Time*. Disse a Jeff que aquele poderia ser o momento de definição da viagem — sim, mesmo antes de chegar a Jerusalém. Expliquei que o local do batismo tinha de ter um significado especial para o Papa Bento, que situara o primeiro capítulo do seu livro *Jesus de Nazaré* precisamente naquele local. Via-o como o local onde Deus entrava na História humana. A arqueologia tornara-o mais real para a mentalidade moderna: aquelas pedras ofereciam confirmação tangível de um acontecimento bíblico. Agora, o papa viera colocar-se ele próprio na margem do rio, como Jesus um dia fez, e talvez — se ele soubesse quanto valia uma «fotoportunidade» — tocar as próprias águas do Jordão.

Passou por nós um guarda armado a correr, e alguns segundos depois a coluna motorizada do papa surgiu por trás de um outeiro. «Coluna motorizada» seria exagero — o papa viajava à cabeça de uma coluna de veículos elétricos que se assemelhavam a grandes carrinhos de golfe, juntamente com membros da família real jordana. Os carros moviam-se silenciosamente pela estrada de terra batida, parando depois muito acima da lagoa batismal. O Príncipe Ghazi bin Muhammad conversou breves instantes com o papa. E, então, incredivelmente, o comboio pôs-se de novo em movimento. Terminara. O papa fizera tão longa viagem e nunca chegou a sair do seu carrinho de golfe. Nunca se aproximou da água. Nunca se colocou em posição para uma fotografia. Os fotógrafos, lá em baixo, tinham emudecido. Greg Tarczynski, de pés enterrados na lama, abanava a cabeça, rindo.

— Nunca guardes uma fotografia na cabeça antes de a teres tirado — observou ele, pegando no seu material e apressando-se para o evento seguinte.

Caminhámos vivamente ao longo de quase um quilómetro até uma planície empoeirada onde oitocentas pessoas estavam sentadas diante de um pavilhão que assinalava o lugar futuro de duas novas igrejas católicas. Olhei em redor: era no meio do nada. O único aspeto digno de nota na paisagem era um promontório árido sobre o qual se erguia uma enorme cruz. Duas bandeiras, a do Vaticano e a da Jordânia, flutuavam ao sabor da brisa. Subitamente, um clamor animou a multidão: o Papa Bento subira ao palco. Enquanto desfrutou a ovação de pé, pareceu encantado. Agradeceu a todos, falou das perspetivas futuras daquelas comunidades católicas e demorou-se entre eles durante mais de uma hora. O papa já lançara a primeira pedra de várias igrejas por toda a Jordânia, e estava nitidamente excitado pelo facto de o Cristianismo estar a mostrar pequenos sinais de renascimento num país predominantemente muçulmano. Compreendi então a razão de ele ter passado apressadamente pelo local de batismo de Jesus para chegar perto daquelas gentes: estava mais interessado no futuro da Igreja do que no passado dela.

A coluna motorizada deixou-nos no meio do pó, e o nosso autocarro de imprensa não estava à vista em sítio nenhum. Quando o Sol se começou a pôr, estendemo-nos nas cadeiras forradas de veludo vermelho da secção VIP, à espera que Vik nos gritasse algumas instruções.

Iríamos chegar muito tarde ao hotel. Pelo canto do olho, vi o sempre enérgico John Allen aproximar-se do palco papal, agora vazio. Ele próprio estivera a filmar, durante a viagem, transmitindo a gravação para a CNN para comentários de bastidores. Não tinha qualquer equipa, pelo que era uma operação solitária. Como John contou, aprendera a utilizar a pequena



câmara de vídeo apenas uns dias antes, e era divertido vê-lo dirigi-la para si mesmo — no avião papal, nas missas ou no autocarro da imprensa. Ríamos, mas os repórteres da imprensa que estavam connosco também se perguntavam se poderiam estar dali a uns meses a fazer a mesma coisa. Aquele parecia ser o caminho futuro do jornalismo, e agora também se notava a bordo do *volo papale*. Vimos Allen subir ao palco, sentar-se no trono dourado do papa, segurar a câmara a quinze centímetros do seu nariz e entrevistar-se a si próprio. Os fotógrafos, divertidos, tiraram fotografias da cena. Constituiriam a imagem duradoura daquele dia no rio Jordão.